



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA THAÍS DE OLIVEIRA BATISTA**

**CONJUNTOS FUNCIONAIS NA TEORIA WALLONIANA: O QUE  
ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA COMPREENDEM ACERCA DA  
RELAÇÃO AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE**

**CAJAZEIRAS/PB  
2014**

**MARIA THAÍS DE OLIVEIRA BATISTA**

**CONJUNTOS FUNCIONAIS NA TEORIA WALLONIANA: O QUE  
ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA COMPREENDEM ACERCA DA  
RELAÇÃO AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras/PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Zildene Francisca Pereira.

**CAJAZEIRAS/PB  
2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

B333c Batista, Maria Thaís de Oliveira

Conjuntos funcionais na teoria walloniana: o que estudantes do curso de pedagogia compreendem acerca da relação afetividade e aprendizagem na universidade. Cajazeiras, 2014. 98f.

Bibliografia.

Orientador(a): Zildene Francisca Pereira.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Psicologia educacional - teoria walloniana. 2. Formação de professores. 3. Afetividade. 4. Cognição. 5. Motricidade. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –37.015.3

**MARIA THAÍS DE OLIVEIRA BATISTA**

**CONJUNTOS FUNCIONAIS NA TEORIA WALLONIANA: O QUE  
ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA COMPREENDEM ACERCA DA  
RELAÇÃO AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE**

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

**PROFA. DRA. ZILDENE FRANCISCA PEREIRA  
(ORIENTADORA – UAE/CFP/UFCG)**

---

**PROFA. DRA. LUISA DE MARILLAC RAMOS SOARES  
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)**

---

**PROFA. MS. VALÉRIA MARIA DE LIMA BORBA  
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)**

---

**PROFA. MS. NOZÂNGELA MARIA ROLIM DANTAS  
(SUPLENTE – UAE/CFP/UFCG)**

Dedico este trabalho a todos que, direta ou indiretamente, estiveram ao meu lado, no percurso até essa conquista que aqui se concretiza;

A todos os professores pelos conhecimentos compartilhados ao longo do curso;

A minha querida orientadora Zildene, pela atenção, carinho e afeto destinado;

Aos meus pais, por acreditarem sempre em mim e fazerem o possível e impossível para que esse sonho se tornasse real;

A toda minha família e amigos, pelos valores construídos e momentos vivenciados.

Enfim, a todos que estiveram presentes na minha vida até aqui, a vocês dedico este trabalho de muito cuidado.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer a todas as pessoas que de algum modo estiveram presentes nos momentos serenos e/ou apreensivos vividos até hoje é algo muito difícil e delicado, por isso, gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo durante todo este percurso.

Inicialmente quero agradecer a Deus, pelo dom da vida, pela proteção diária, pela fé e coragem que em mim fez nascer a cada dia, para que eu pudesse conquistar mais essa vitória;

Aos meus pais Arlete e José, por me ensinarem a retidão do caminho, por acreditarem sempre no meu potencial e por me proporcionarem mais do que uma infância e uma vida estudantil digna e determinante para a pessoa que hoje sou e que almejo ser. Que com seus valores, formaram o meu caráter e os fundamentos do meu ser. Por serem sempre a minha referência, e por estarem a todo o momento presentes na minha vida, nas horas de tristeza ou de vitória;

Às minhas irmãs Thayany e Thaynara, pelos momentos fraternos compartilhados, pelas confissões, desentendimentos e reconciliações, que me fizeram querer se tornar uma pessoa melhor a cada dia;

À minha orientadora, professora, amiga e eterna mestra 'Dena', pela confiança depositada no meu potencial e capacidade de superar limites, que com seu olhar afetivo me fez acreditar na possibilidade de vencer os meus medos, de seguir sempre em busca dos meus sonhos, sem temor, sem tensões, apenas depositando fé, coragem e determinação naquilo que se quer conquistar. Pelo apoio, desde que me viste pela primeira vez, pelo carinho e afeto insubstituível, e por ser a pessoa a qual tento me espelhar, na futura profissional que almejo ser. Que com sua gentileza, atenção, conselhos e sabedoria, me faz admirá-la a cada dia mais;

Agradecer à Luisa de Marillac, Valéria Borba e Nozângela Dantas por aceitarem com prontidão fazerem parte da minha banca de defesa, como, também, pelas contribuições enquanto professoras;

A todos os mestres, meus agradecimentos em particular a cada um que com suas particularidades distintas me fizeram compreender as várias faces de

se fazer docência. Que sempre se mostraram atentos e aptos a ajudarem no que fosse preciso ao longo dessa jornada. E que antes de me ensinarem, me fizeram aprender. Nem todos os agradecimentos do mundo nunca serão suficientes para demonstrar a grandeza do que recebi de vocês. Peço a Deus que os recompense à altura;

Às amigas que levarei para sempre em meu coração, muito obrigada pelos momentos vividos: À Jaffna, Ana Maria, Nyedja, Natália, Mayrla, Kamilla, Janaína, Maria José, e as demais colegas de turma e de curso, pelas risadas, partilha de aprendizados, momentos bons e ruins compartilhados. Pelo convívio fraternal e familiar que foram construídos ao longo desses quase cinco anos de jornada acadêmica.

Aos amigos de longa data, de perto e de longe, pelo sentimento recíproco, pelas demonstrações de afeto nas mensagens, ligações, visitas, encontros e orações. À Aparecida e Geicy, pela parceria de sempre. Às amigas Carol e Natália, pela presença constante mesmo que tão distante geograficamente. Pelas risadas, confidências, conselhos e partilha de sentimentos mil. A presença mesmo que longe, me fizeram aliviar as horas difíceis e me alimentar a certeza da minha vitória.

Enfim, a todos, o meu MUITO OBRIGADA!

A formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ter uma experiência perpétua nas experiências pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar.

(Henri Wallon, 1973/1975)



## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar concepções de estudantes acerca do conhecimento da teoria walloniana no Curso de Pedagogia, no Centro de Formação de Professores. A partir desse objetivo foram delineados outros três que deram mais especificidade ao nosso trabalho, são eles: Investigar o que estudantes do Curso de Pedagogia entendem por afetividade, cognição e ato motor e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem; refletir de que forma os conjuntos funcionais e a teoria walloniana são considerados e discutidos no Curso de Pedagogia e indagar o que estudantes de Pedagogia compreendem acerca do conceito de afetividade. A pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: O que estudantes do Curso de Pedagogia entendem por conjuntos funcionais – afetividade, cognição e ato motor – e o modo como esses conjuntos favorecem o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula? A escolha da temática veio a partir de experiências vivenciadas desde a educação básica, no que diz respeito às relações que foram estabelecidas dentro da sala de aula, entre professor e aluno, e das suas implicações no processo de aprendizagem do educando, porém, tal escolha se estabeleceu de forma mais efetiva e segura a partir da participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Afetividade na Prática Docente/UAE/CFP/UFCG. Na metodologia utilizamos a pesquisa qualitativa através de uma entrevista semiestruturada contendo cinco questões, e a escrita de uma carta com uma pergunta central acerca do nosso objeto de pesquisa. Os dados foram analisados a partir do procedimento de Análise Temática. Participaram da pesquisa quatro estudantes do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras/PB, com idade entre 23 e 30 anos. Os resultados dos dados coletados nos mostram que há uma carência de discussões diante a teoria walloniana no curso de Pedagogia, e o entendimento das discentes acerca dos conjuntos funcionais, ainda, é muito relacionado ao que o senso comum compreende ser, porém as discentes que tiveram a oportunidade de um contato, ainda, que sucinto com a teoria, demonstram melhor entendimento acerca dos pressupostos que a teoria walloniana nos possibilita refletir diante o processo de desenvolvimento dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Teoria Walloniana. Formação de Professores. Afetividade. Cognição. Motricidade.

## ABSTRACT

The present research had as main objective analyze conceptions of students about knowledge of the theory walloniana in the Pedagogy course at the Training Center of Teachers. From that objective were delineated three others who have given more specificity to our work, they are: Investigate what students of Pedagogy Course understand by affectivity, cognition and motor act and its relation with the process of teaching and learning; reflect how the functional sets and walloniana theory are considered and discussed in the Pedagogy Course and ask what students Pedagogy understand about the concept of affectivity. The research emerged from the following question: What do students understand the Pedagogy Course by functional sets - affectivity, cognition and motor act - and how these sets favor the process of teaching and learning in the classroom? The choice of the thematic came from experiences lived since the basic education, with regard to the relations that were established within the classroom, between teacher and student, and their implications for the learning process of the student, however, such a choice has established more effectively and safely from the participation in the Group of Studies and Research on Affect in Teaching Practice / UAE / CFP / UFCG. In the methodology we use the qualitative research through a semi-structured interview containing five questions, and the writing of a letter with a central question about our research object. The data were analyzed from of the procedure of thematic analysis. Participated of the research four students of Pedagogy course, of the Federal University of Campina Grande, Campus of Cajazeiras/PB, with age between 23 and 30 years. The results of the data collected show that there is a lack of discussion forth the walloniana theory in the course of Pedagogy, and understanding of the students concerning the functional sets, is yet very much related to that which common sense comprises to be, but the students who had the opportunity of a contact, even that succinct with the theory, demonstrated better understanding of the assumptions that the theory walloniana allows us to reflect forth the development process of the subjects.

**Key-words:** Theory Walloniana. Teacher Training. Affectivity. Cognition. Motricity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 REFLEXÕES ACERCA DOS CONJUNTOS FUNCIONAIS NA TEORIA WALLONIANA</b> .....	16
1.1 O sujeito integral em Henri Wallon: os conjuntos funcionais.....	19
1.2 Escola e família como contribuinte para o desenvolvimento das potencialidades dos educandos .....	23
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	27
2.1 Panorama do lócus da pesquisa.....	27
2.2 Participantes da pesquisa .....	31
2.3 Tipo de pesquisa, instrumentos para coleta e análise dos dados .....	32
<b>3 A DISCUSSÃO DA TEORIA WALLONIANA NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b> .....	36
3.1 Integração afetiva-cognitiva-motora: os conjuntos funcionais propostos pela psicogenética Walloniana.....	49
3.2 Experiências agradáveis e desagradáveis segundo estudantes do curso de Pedagogia.....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80
<b>APÊNDICES</b>	
Apêndice A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	83
Apêndice B – Questionário de caracterização.....	85
Apêndice C – Roteiro de entrevista.....	86
Apêndice D. – Carta de Thaís.....	87
Apêndice E – Carta de Açucena.....	89
Apêndice F – Carta de Amarílis.....	91
Apêndice G – Carta de Gardênia.....	94
Apêndice H – Carta de Hortênsia.....	96

## INTRODUÇÃO

[...] Uma palavra caída  
das montanhas dos instantes  
desmancha todos os mares  
e une as terras distantes...  
- palavras que não direi.

(Cecília Meireles, s.d)

Esse trecho de Cecília Meireles me remete a pensar todo o decorrer da minha vida até então, desde criança, adolescente, até os dias atuais. Desde muito cedo sempre tive grande dificuldade em me relacionar com as pessoas que se faziam presente a minha volta, realidade essa que me limitou bastante diante das oportunidades que apareciam ao longo do caminho. Faltou-me orientação acerca de como lidar com a timidez, pois em sala de aula sempre fui vista como a 'a aluna quieta' que passava em todas as provas, que tirava as melhores notas, mas que não se fazia presente nas discussões, a que silenciava diante dos questionamentos da professora e dos demais discentes.

O tempo foi passando, novos objetivos foram sendo traçados, novos rumos a vida foi tomando, porém, o que continuava da mesma forma era o modo como eu via o mundo e suas particularidades. Eu já não era mais uma criança, agora já era uma adolescente no ensino médio, mas encontrava no que diz respeito à sala de aula os mesmos pormenores que convivi diariamente na minha infância, durante a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Ingressei na universidade como sempre tomada por uma grande ansiedade e um medo interior que me perseguia ao mergulhar em um novo ambiente, ao conviver com o desconhecido. Mas já acreditava que seria naquele espaço, ainda, estranho para mim, que esses monstros interiores seriam aniquilados e instintos ou que apenas sobriam vestígios para afirmar aos outros que é possível superar o que suponhamos ser o limite, que é possível vencer o que te prejudica de alguma forma, aqui no caso a timidez.

Ao longo dos períodos no Curso de Pedagogia reafirmei, aos poucos, as escolhas que havia feito anteriormente para a minha formação, pois me vi inserida no Curso e escolhendo cada dia mais a profissão docente. No 3º e no 4º período cursei as disciplinas de Fundamentos e Metodologia da Educação

Infantil I e II, e senti uma grande empatia pela professora o que apenas se concretizou no decorrer dos períodos subsequentes. Houve momentos em que ao conhecer sua história e as particularidades que a compõem, cheguei a me projetar de alguma forma, a história de uma jovem tímida, que venceu seus medos interiores e que, ainda, mesmo convivendo com estes, não os deixa definir o rumo da sua vida. Sempre se mostrava atenciosa e interessada com a relação professor-aluno, tanto na sala de aula, quanto fora dela, bem como considerava a intencionalidade do seu papel de professora no Ensino Superior como fundamental para que ocorresse o processo de ensino-aprendizagem.

Foi diante de alguns momentos experienciados no Curso que percebi que é possível a existência de uma relação afetuosa vista como algo relevante no âmbito educacional, a partir do momento que ambas as partes – professor e aluno-, se empenham para efetivá-la da melhor forma. Essa será a postura de educadora que levarei comigo durante a minha formação, tanto profissional, quanto pessoal, pois, a presença de uma relação mais estreita e agradável entre professor-aluno favorece de forma significativa o processo ensino-aprendizagem.

Pensar a afetividade e nos demais conjuntos funcionais apontados por Wallon (1973/1975) como integrantes a seu estudo de maior renome 'A Psicogênese da Pessoa Completa' requer que saibamos que essa não é uma discussão fácil, nem tampouco simplória a olhos leigos, pois, o autor nos trás uma linguagem um tanto difícil, principalmente, por apresentar alguns conceitos da área da saúde, muitos conceitos que necessitam ser bem estudados para uma melhor e mais clara compreensão do leitor, acerca da temática em estudo.

De início podemos nos reportar a realidade educacional que vivenciamos há muito tempo, uma educação tradicional que visa, na maioria dos casos, suprir apenas as necessidades mercadológicas, em que os sujeitos são vistos como máquinas robotizadas a atuarem em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e alienante, esquecendo, desta forma, de priorizarem o essencial, a sua formação integral, a sua formação humana, no que diz respeito ao seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

Em meio a essa discussão e considerando relevante a temática em estudo, percebemos que abordar esse assunto, atualmente, é de extrema importância para a educação que temos presenciado nos dias de hoje.

Sabendo disso, a escolha da temática veio a partir de experiências vivenciadas desde a educação básica, no que diz respeito às relações que foram estabelecidas dentro da sala de aula, entre professor-aluno, e das suas implicações no processo de aprendizagem deste, porém tal escolha se estabeleceu de forma mais efetiva e segura a partir da participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Afetividade na Prática Docente.

Foi a partir da inserção no referente grupo que pudemos conhecer e refletir acerca de novas formas de se efetivar o trabalho docente na sala de aula, a partir da existência de uma boa relação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e de conhecermos a teoria walloniana como nosso principal referente teórico.

Hoje, vemos com mais clareza a importância do desenvolvimento contínuo no trabalho do professor diante da Afetividade e dos demais conjuntos funcionais abordados por Wallon (1973/1975) para um pleno desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, e para o próprio trabalho desenvolvido pelo professor junto a tais sujeitos. Ao ponto que cabe aos professores buscarem conhecer os processos que integram o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: afetiva, cognitiva e motora para que possam elaborar práticas pedagógicas que contemplem as particularidades e necessidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Partindo desses pressupostos, vemos que a dimensão afetiva, particularmente, vem ganhando seu espaço dentro das discussões propostas por muitos pesquisadores no âmbito educacional. Podemos citar alguns dos mais significativos para essas conquistas como Almeida (2005), Mahoney (2004), Sérgio Leite (2006), Dér (2004), Galvão (2008), dentre tantos outros que defendem a teoria walloniana como de extrema relevância a ser estudada nos cursos de formação de professores. Desse modo, os estudos vêm despertando novos olhares em torno da formação humana do educando, ao ponto que defendem a relevância de boas relações estabelecidas no âmbito escolar, para uma possível implicação e melhores resultados, no que diz respeito ao desenvolvimento pleno e integral dos sujeitos.

Diante do estudo da temática surge à inquietação em respondermos ao seguinte problema de pesquisa: O que estudantes do curso de Pedagogia entendem por conjuntos funcionais – afetividade, cognição e ato motor – e o

modo como esses conjuntos favorecem o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula? Para obtermos um maior esclarecimento elaboramos os seguintes objetivos: analisar concepções de estudantes acerca do conhecimento da teoria walloniana no Curso de Pedagogia, no Centro de Formação de Professores; investigar o que estudantes do Curso de Pedagogia entendem por afetividade, cognição e ato motor e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem; refletir de que forma os conjuntos funcionais e a teoria Walloniana são considerados e discutidos no Curso de Pedagogia e indagar o que estudantes de Pedagogia compreendem acerca do conceito afetividade.

Para um melhor entendimento da temática aqui proposta para estudo, a monografia está organizada em três capítulos: No primeiro temos uma visão detalhada sobre os conjuntos funcionais na perspectiva Walloniana, na qual trataremos as concepções de motricidade, cognição e afetividade, que compreendidos na sua integração, é o que Henri Wallon considera como pessoa integral, que segundo ele, este passaria a ser o quarto e último conjunto funcional que perpassa a formação dos sujeitos. Abordamos com maior ênfase o estudo da dimensão afetiva proposta pela teoria Walloniana, pela qual serão discutidas as concepções de alguns elementos que segundo o autor, refere-se a uma evolução da afetividade, que seria a emoção, o sentimento e a paixão. Trataremos, também, um destaque acerca das etapas de desenvolvimento propostas por Wallon, bem como o papel da escola e da família mediante o desenvolvimento das potencialidades dos educandos.

No segundo capítulo apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para realização do nosso trabalho, e nele está contido o problema instigador do estudo, objetivos elaborados, contextualização do lócus e sujeitos da pesquisa, instrumentos utilizados para coleta de dados, e por fim, os procedimentos para a análise dos dados obtidos.

O terceiro capítulo refere-se à análise dos dados coletados, e está subdividido em três eixos temáticos que são: A discussão da teoria walloniana no curso de formação de professores; Integração afetiva-cognitiva-motora: os conjuntos funcionais propostos pela psicogenética walloniana e Experiências agradáveis e desagradáveis segundo estudantes do Curso de Pedagogia. Nesse momento, trataremos as informações obtidas através dos nossos

instrumentos de pesquisa, e faremos um contraponto com o embasamento teórico que nos possibilita a discussão do nosso objeto de estudo.

Por fim, compreendemos que a discussão da teoria walloniana necessita estar mais presente nos componentes curriculares inseridos nos cursos de formação de professores, na medida em que esse conhecimento possibilita ao professor em formação, um olhar diferenciado sobre o seu educando, ao ponto que propõe a compreensão de uma formação integral dos sujeitos, sendo considerados não só o desenvolvimento cognitivo destes, mas, também, um trabalho que leve em consideração a formação motora e, principalmente, afetiva, e pelo qual juntos formam a pessoa integral.



## 1. REFLEXÕES ACERCA DOS CONJUNTOS FUNCIONAIS NA TEORIA WALLONIANA.

Aquele que sabe ler nas emoções  
tem o livro do homem aberto ante  
seus olhos.

(V. J. Wujmir, s.d.).

Os estudos em torno da importância da presença da afetividade na prática docente vêm se intensificando de forma mais satisfatória nos dias atuais se comparado há algum tempo atrás. O seu entendimento como relevante para o processo de constituição do sujeito e do seu conhecimento, tem ganhado destaque nas discussões e a escola em meio às adversidades encontradas cotidianamente se vê em uma posição na qual necessita preocupar-se com as demais potencialidades dos educandos, que vai além do conjunto cognitivo, atrelando-se ao motor, psicológico, social e afetivo.

Podemos afirmar que pesquisas relacionadas à afetividade, na perspectiva walloniana, tem sido determinante na necessidade de uma maior discussão acerca da compreensão da constituição do sujeito em sua totalidade, da relevância da presença dessa discussão na relação professor-aluno na sala de aula e fora dela, e nas suas influências no processo de desenvolvimento dos educandos.

Mahoney (2004), de acordo com a teoria walloniana, defende que a afetividade é uma forma de estar no mundo, de ser afetado e de afetar as outras pessoas que estão a sua volta, a partir de sensações agradáveis e desagradáveis. Esta forma de estar no mundo caminha, conjuntamente, com outros três elementos que se referem a um tipo de evolução da afetividade, as quais se caracterizam em *emoção, sentimento e paixão*.

Wallon (1941/2007) ressalta que a afetividade tem um papel imprescindível no desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos, e na constituição do educando enquanto ser integral. O indivíduo em meio à afetividade como facilitadora do seu processo de ensino-aprendizagem, acessa o seu próprio mundo simbólico e desenvolve as suas habilidades cognitivas. O que fica claro na elaboração dos estágios de desenvolvimento do ser humano

ressaltados pelo autor, nos quais se vê a presença tanto do conjunto cognitivo quanto do afetivo no processo de desenvolvimento dos sujeitos, de forma a predominar com mais ênfase um dos dois em cada estágio.

Vygotsky (1993) discorre sobre a necessidade de uma relação mais estreita e significativa entre afetividade e cognição, como forma de subsidiar no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Para ele é imprescindível considerar o processo de internalização dos sentimentos e emoções vividos e sentidos pelas crianças ao longo do seu desenvolvimento, que vão de alguma forma refletir nas suas práticas sociais e culturais diante da sociedade em que vivem.

Tendo em vista essas discussões, caberá aos professores conhecer os processos que integram o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões – afetiva, cognitiva e motora – para que assim, possam compreender e analisar os possíveis problemas dos seus educandos, bem como elaborar práticas pedagógicas que contemplem as particularidades e necessidades de cada um.

Podemos, a partir dessa abordagem, discutir a afetividade e os demais campos funcionais que constituem o sujeito em sua totalidade. Sujeito esse que necessita de uma maior atenção no que diz respeito à grande importância a ser dada ao pleno desenvolvimento das suas potencialidades, sendo assim trabalhadas e compreendidas de modo significativo, acarretando em melhores resultados para o seu desenvolvimento.

Desde muito cedo as crianças se comunicam com seu entorno por meio de choro, espasmos, gestos e sinais particulares, tornando-se assim sujeitos funcionais que precisam ser compreendidos pelos pais ou responsáveis, para um atendimento imediato das suas necessidades fisiológicas, psicológicas e afetivas. Com isso, o seu desenvolvimento ocorre por meio de uma interação entre a sua condição orgânica e sua condição enquanto sujeito social inserido em uma determinada cultura, com costumes, valores e crenças particulares do seu grupo. Em meio a esta realidade, vê-se a necessidade de uma maior compreensão das concepções em torno da afetividade e sua epistemologia, o que requer, também, uma discussão dos demais conjuntos funcionais que compõe o que Wallon (1973/1975) chama de pessoa integral.

O termo afetividade ao longo dos tempos vem se mostrando bastante complexo, ao contrário do que muitos acreditam ser. Falar em afetividade e se referir ao seu conceito não é algo fácil, pois, essa até então simples palavra, envolve uma gama de discussões que necessitam ser refletidas e compreendidas para o pleno entendimento da sua significação. Para a autora Dér (2004, p.61), de acordo com a teoria walloniana, a afetividade é “[...] um conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia”. Afetividade nesse sentido é uma forma de estar no mundo, de sentir-se no mundo.

A afetividade em Wallon (1941/2007) é defendida como fundamental para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, pois, inicialmente, ela tem o papel de auxiliar na comunicação deste com o seu entorno, nas manifestações da criança com o mundo que a rodeia. Com isso, a afetividade tem função de mediar à relação da criança com o outro, e concomitantemente com o seu mundo simbólico, no qual posteriormente se dará o desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Segundo Mahoney (2004), a afetividade se divide em outros três componentes – emoção, sentimento e paixão – que se caracterizam de forma distintas um do outro. A *emoção* que é a externalização da afetividade, ela é orgânica, visceral, se caracteriza por ser efêmera e por ser a primeira forma do sujeito se comunicar com o mundo e com si mesmo. Para Wallon (1973/1975), a emoção é o primeiro vínculo existente entre os sujeitos desde o nascimento. É através da emoção que os gestos das crianças ganham sentidos para os outros que os rodeiam. Enquanto que os *sentimentos* se apresentam como uma representação da afetividade e tem como seu maior aspecto a linguagem, que o auxilia na construção da sua subjetividade. Por último temos a *paixão* entendida como certo silenciamento da emoção e por apresentar grande ênfase em ciúmes e exigências exacerbadas, vivenciadas por crianças em diferentes espaços.

Ao compreendermos o conceito de afetividade e a sua implicação no desenvolvimento integral dos sujeitos, percebemos que diante disso não há cognição sem afetividade, pois, um complementa o outro, influenciando no desenvolvimento do sujeito e na construção da identidade. Sem o olhar atento e o cuidado que se deve ter com o processo de aprendizagem do outro, no

caso o educando, não há motivação para um aprender contínuo, para questionamentos, críticas, nem para o desenvolvimento das demais potencialidades.

Em relação a essa discussão, Oliveira (1992) discorre que o pensamento se origina da motivação, na qual se encontram presentes a necessidade do interesse, do impulso, do afeto e da emoção para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos. Desta forma, a afetividade exerce grande influência nesse desenvolvimento, de modo a estabelecer uma íntima relação entre esses dois conjuntos funcionais.

Wallon (1973/1975) nos mostra que em cada uma das fases de desenvolvimento humano, encontra-se a presença de aspectos cognitivos e afetivos, que se relacionam entre si de modo a alternarem e preponderarem de formas distintas. Discussão essa que veremos no tópico a seguir em torno dos conjuntos funcionais discutidos por Henri Wallon.

### 1.1 O sujeito integral em Henri Wallon: conjuntos funcionais.

O ser humano é um sujeito que se desenvolve em sua totalidade e na medida em que é considerado é também atrelada a sua formação os conjuntos funcionais que os constituem enquanto sujeito integral e seu processo de aprendizagem torna-se significativo e relevante. Diante disso, vimos à necessidade de uma discussão crítica-reflexiva em torno da relevância dos professores considerarem em seus educandos um aprendizado que vá além do desenvolvimento de um único conjunto funcional, - no caso o *cognitivo*.

Henri Wallon (1973/1975) centrou sua pesquisa sobre a afetividade em torno do estudo conhecido como Psicogênese da pessoa completa, que considera o indivíduo como sujeito integral, que necessita ser visto em sua totalidade, no que diz respeito ao pleno desenvolvimento de todas as suas potencialidades. O teórico discorre sobre a necessidade de um olhar não fragmentado sob o desenvolvimento do sujeito, trazendo ao seu estudo um caráter biológico e social, sem esquecer a relevância que atribuiu a emoção para o desenvolvimento humano.

Wallon (1973/1975) compreende que o desenvolvimento do sujeito se dá por meio de estágios com características distintas que constituem o ser

humano como integral. Tais estágios se dividem em impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial, puberdade-adolescência, até chegar a sua fase adulta. Esses estágios são acompanhados por conjuntos funcionais que se dividem em: afetivo, motor, cognitivo e pessoa.

O autor enfatiza que o processo de ensino-aprendizagem dos educandos se dá por meio de uma integração em duas direções. A primeira diz respeito às relações que o indivíduo estabelece com o meio, na qual o outro é sujeito indispensável no seu desenvolvimento. Esse processo é chamado de integração organismo-meio, na qual se integra o potencial genético dos sujeitos com as relações que o mesmo irá estabelecer com o meio em que está inserido. Uma integração da criança com o meio em que vive, de modo a estabelecer uma íntima relação dos fatores orgânicos e socioculturais.

Para o autor, o outro deve ser considerado como de grande relevância para o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos, segundo ele

As primeiras relações utilitárias da criança não são as suas relações com o meio físico, que, quando aparecem, começam por ser lúdicas; são relações humanas, relações de compreensão, que tem como instrumento necessário meios de expressão, e é por isso que a criança, se não é naturalmente um membro consciente da sociedade, também não é um ser primitivo e totalmente orientado para a sociedade (WALLON, 1973/1975, p.198).

Desta forma, o desenvolvimento dos sujeitos se dá no contexto o qual estão inseridos desde o nascimento, implicando, assim, com os seus fatores biológicos e sociais. A criança nessa perspectiva é compreendida de acordo com o meio em que vive, o qual influencia significativamente o seu contínuo desenvolvimento ao longo da vida. Meio esse que segundo Mahoney (2004), se dividem em três grandes categorias, que diferenciam os tipos de meios existentes. O primeiro diz respeito aos meios físico, químico, biológico e social. Seguido pelo segundo, o qual se refere à espécie humana, na qual o meio social se superpõe ao meio físico. E por último, também, se tratando da espécie humana, o meio físico e espacial, o qual se refere às representações simbólicas. Podemos dizer que

[...] compreender a constituição da pessoa como um processo que se integram organismo e meio significa reconhecer que o ser humano se desenvolve a partir do seu organismo, capaz de vir a ser homem, e que as funções potenciais do organismo surgem de acordo com as etapas biológicas de desenvolvimento e realizam-se de acordo com as circunstâncias que encontra no meio (PRANDINI, 2004, p. 26).

O biológico e o social se entrelaçam nessa discussão, ao ponto de um não poder ser pensado independentemente do outro. Ambos devem ser vistos como pólos de um mesmo objetivo, o qual seria o desenvolvimento pleno das potencialidades do ser humano. Desta forma, um será complementar ao outro e não serão separados como muitos compreendem, e seu potencial genético dependerá das influências exercidas pelo meio em que vive, integrando, assim, o genótipo as condições do meio, que conseqüentemente dará origem ao seu fenótipo, que diz respeito ao resultado das características dos sujeitos mediante essa integração.

Wallon (1973/1975) enfatiza a necessidade de compreensão do funcionamento humano a partir de três conjuntos funcionais e indissociáveis entre si, e que é por meio da coesão do social com a dinâmica afetiva que a criança tem acesso ao pensamento, à linguagem. Aqui encontramos a outra forma de integração discutida pelo autor, a integração afetivo-cognitivo-motora, na qual ver a afetividade, a motricidade e a cognição como inseparáveis na constituição do quarto conjunto funcional que ele chamou de pessoa, – que se caracteriza pela integração de todos os conjuntos no processo de desenvolvimento do sujeito. Assim,

Os domínios funcionais, portanto, são constructos de que se lança mão para analisar o homem como objeto de estudo, por meio do agrupamento de funções em categorias, de acordo com suas características predominantes (PRANDINI, 2004, p.30).

Essa existência do desenvolvimento humano a partir de conjuntos funcionais é o que torna essa divisão em uma categorização dos principais aspectos que constituem o sujeito integral. É desta forma que o conceito de pessoa em Wallon (1973/1975) deve ser compreendido.

O conjunto motor trata-se de uma combinação de todos os movimentos executados pelo corpo do sujeito, que o permite deslocar-se de acordo com o tempo e o espaço, de modo a expressar suas emoções e sentimentos, auxiliando, assim, o seu pleno equilíbrio. O conjunto cognitivo é o campo que transforma em conhecimento todas as ações exercidas pelos sujeitos, auxilia e organiza as representações do vivido. O conjunto afetivo envolve os componentes do ato motor e cognitivo, e é onde estão presentes as emoções, os sentimentos e a paixão. Por último, Wallon delimita outro conjunto funcional, a pessoa, o qual integra de diferentes formas os demais conjuntos na sua constituição. A integração funcional na constituição da pessoa ocorre de forma alternada-preponderada, pois

[...] ao longo do desenvolvimento não acontece sempre sob uma única forma, mas que há alternância e preponderância entre eles, ou seja, nas atividades da pessoa funções se exercitam conjuntamente sob preponderância de uma delas. Falar em preponderância significa considerar a participação das demais (PRANDINI, 2004, p.35).

No decorrer do desenvolvimento do sujeito, há uma predominância alternada seja da afetividade, seja da cognição, sendo que em cada fase do desenvolvimento um desses conjuntos exercem um domínio maior sobre o sujeito, porém, sempre contando com a presença do outro conjunto. Desta forma, se pensarmos na afetividade como preponderante sobre a cognição em uma determinada fase, percebemos que o interesse do sujeito está voltado para o seu interior, ou seja, para a construção do seu eu, o que Wallon (1973/1975) chama de movimento centrípeta. Quando pensamos o contrário, na cognição preponderando sob a afetividade, vemos que o sujeito está voltado para o seu exterior, para o conhecimento advindo do mundo, das experiências e das relações que estabelece com o outro, formando o movimento centrífuga.

Desta forma, ora o interesse se volta para o interior, ou seja, para o conhecimento de si, ora para o exterior, para o conhecimento do mundo. Vale salientar que mesmo a dimensão motora não preponderando em nenhuma fase do desenvolvimento, ela exerce função imprescindível na constituição da pessoa, e se encontra presente em todas as etapas do desenvolvimento.

## 1.2 Escola e família como contribuinte para o desenvolvimento das potencialidades do educando.

A afetividade perpassa toda a vida do sujeito, e exerce grande relevância diante das relações estabelecidas consigo e com o meio em que vive. Diante disso, o professor e a escola têm um papel fundamental no desenvolvimento integral do educando. Cabe ao professor diante dessa realidade promover a importância da existência de boas relações no contexto escolar. Por ser um facilitador da aprendizagem e mediador na construção de conhecimentos e valores, deve ser aquele que possibilita situações em que o educando possa conhecer, discutir e firmar seus próprios valores, que serão assim socializados com os demais sujeitos.

A partir dessa prática o professor subsidia no educando a capacidade de desenvolver a sua subjetividade, construindo com isso a sua forma de ser, agir, pensar e se comportar diante das diversas situações. Sendo assim, a melhor forma do professor ensinar e compartilhar valores, é por meio da relação estabelecida com o contexto escolar e com os demais sujeitos que se fazem presentes nas relações interpessoais do seu cotidiano. Não se ensina sem estabelecer uma relação entre o contexto escolar e as relações interpessoais que se fazem presentes no nosso dia-a-dia, pois a educação é o resultado dessa relação e com isso compreendemos que nada se cria do nada, mas sim das relações que estabelecemos com o meio, pois

A qualidade da relação que se estabelece entre sujeito-objeto é também de natureza afetiva e depende da qualidade das histórias de mediações vivenciadas pelos sujeitos em relação ao objeto, no seu ambiente cultural, durante sua história de vida (SÉRGIO LEITE, 2006, p. 18).

A escola e o professor devem respeitar todas as fases de desenvolvimento dos sujeitos e compreender o educando como um sujeito integral que precisa ter as suas necessidades atendidas. Para isso, o professor deve rever cotidianamente a sua prática e adequar à realidade da sala de aula, na qual estará presente uma gama de sujeitos diferentes entre si que



necessitam ser assistidos e compreendidos nas mais diferentes situações do dia-a-dia.

Prandini (2004, p. 43) discorre que é dever do professor “[...] reconhecer as condições de seus alunos, em especial seus afetos, seus desejos, a fim de procurar canalizá-los para que colaborem na produção do conhecimento”. Uma boa relação dos sujeitos que fazem parte do cenário educativo é imprescindível para transformar o ambiente escolar em um local agradável e que esteja favorável para o pleno desenvolvimento da aprendizagem dos educandos.

Segundo Freire (1983), em todo ato educacional deverá estar presente o amor. Amor esse que fica explícito por meio de uma busca por uma interação com todos os sujeitos do cenário educacional, de forma a subsidiar com o diálogo, na aprendizagem dos educandos. Esse amor, destacado pelo autor, está relacionado ao respeito que devemos ter ao processo de aprendizagem dos sujeitos e a necessidade de boas relações a serem vividas em sala de aula.

Em meio a isso é relevante que o professor fique atento às diferentes expressões dos seus educandos, pois, muitas vezes, esses podem se comunicar por meio de gestos, ou determinados comportamentos. Com isso, o professor irá além de um trabalho que vise, apenas, o desenvolvimento cognitivo do sujeito, mas também irá atuar desenvolvendo a sua dimensão afetiva e motora, subsidiando o desenvolvimento do sujeito integral. Em relação a esse conhecimento

Quanto maior clareza que o professor tiver dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em consequência encontrar caminhos para solucioná-los (GALVÃO, 2008, p. 104).

Ao referir-se ao ambiente da sala de aula, principalmente infantil, percebemos que esse é um local em que está centrado todos os tipos de emoções. Sujeitos que necessitam de afeto, que vêm na escola uma alternativa para suprirem tais desejos e carências, muitas vezes, do seu próprio ambiente familiar. Neste aspecto

O educador sensível é aquele que questiona suas ações baseando-se na abordagem que a criança faz da realidade, verbalizando uma realidade vista a seu modo (criança), com as suas capacidades estruturais, funcionais e afetivas (SALTINI, 2008, p. 98).

Podemos afirmar que é por meio de uma interação do educando com o professor e com os demais colegas de sala, que surgirá o diálogo, no qual o sujeito desenvolverá seu intelecto por meio dessas interações, pois podemos enfatizar que

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las. É imprescindível uma atitude corticalizada, isto é, racional, para poder interagir com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadores do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis (ALMEIDA, 2005, p. 103).

A família não está isenta dessa responsabilidade de educar uma criança de forma integral nos dias atuais, pois o primeiro contato da criança com a educação se dá no seu ambiente familiar de modo que estabelecem ou não relações afetivas com seus responsáveis, as quais irão refletir significativamente no seu desenvolvimento cognitivo na escola.

É por meio das primeiras relações com o outro, que a criança conhece o seu mundo simbólico, e conseqüentemente melhor se desenvolve em relação ao seu conjunto cognitivo. Com isso, é papel da família subsidiar a socialização dos sujeitos, ajudando-os a estabelecer vínculos harmoniosos desde cedo e a conhecerem a linguagem principal a ser encontrada no seio familiar: a afetividade vivenciada de maneira agradável.

Desta forma, a escola e a família como instituições complementares, assumem a responsabilidade de promover aos sujeitos, espaços para que possam evoluir cotidianamente como seres humanos, estabelecendo vínculos afetivos nas mais diferentes situações, pois os educandos se interessarão pelo

ambiente escolar quando perceberem que realmente são bem vindos, que tem pessoas que se preocupam com a sua aprendizagem e isso se dará por meio da afetividade, que subsidiará, assim, a construção de um sujeito psicologicamente saudável.

Todas as relações do ser humano sejam elas familiares, escolares, profissionais ou pessoais, devem ser permeadas pela afetividade. Ao ponto que, desta forma, as relações estabelecidas entre educador e educando influenciam no desenvolvimento da aprendizagem e da descoberta do sujeito, pela qual a criança desenvolverá sua visão de mundo e terá acesso ao seu mundo simbólico a partir dos sentimentos e emoções vividos nas relações que estabelece ao longo da vida, fazendo com que a afetividade seja a chave para a existência de uma boa e significativa educação.

O olhar e a escuta do professor em meio à formação integral dos educandos é necessário e imprescindível para o pleno desenvolvimento das suas potencialidades, pois a partir de um olhar mais atencioso e reflexivo sobre tais sujeitos e sobre a sua própria prática, o professor poderá suprir as necessidades, dificuldades e expectativas destes em relação à escola e a sua função social, realizando, assim, um trabalho que vise uma boa qualidade nas relações estabelecidas entre professor- aluno-conhecimento.

À medida que realizamos este estudo para subsidiar nossa pesquisa compreendemos que a aprendizagem se dá a partir da integração de todas as funções exercidas pelo sujeito – *afetividade, motricidade e cognição* – de modo que uma está implicada na outra e assim sucessivamente, preponderando de acordo com cada etapa de desenvolvimento.

Diante disso, é papel do professor conhecer cada estágio que perpassa a evolução dos sujeitos, ao ponto que poderão melhor desenvolver as potencialidades dos seus educandos, fazendo com que ambos atribuam significado ao que é apreendido em sala de aula e que os discentes possam se sentir parte da escola, pois passarão a enxergá-la como um espaço importante da sua vida.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

(John Dewey, s.d.)

Após estudos, reflexões e análises voltadas para a discussão da afetividade no Grupo de Estudos e Pesquisas em Afetividade na Prática Docente/UAE/CFP/UFCG, vimos que este é um assunto que merece atenção especial nos Cursos de Formação de Professores, por lidarmos com pessoas com as mais diferentes especificidades e nem sempre é o que ocorre, passamos quatro anos na Universidade, no mínimo, e nem sempre temos acesso a essa discussão que hoje vemos como fundamental. Neste momento, retomamos o nosso problema de pesquisa que está assim organizado: O que estudantes do Curso de Pedagogia entendem por conjuntos funcionais – afetividade, cognição e ato motor – e o modo como esses conjuntos favorecem o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula?

Tivemos como objetivo geral: Analisar concepções de estudantes acerca do conhecimento da teoria walloniana no Curso de Pedagogia, no Centro de Formação de Professores. A partir desse objetivo foram delineados outros três que deram mais especificidade ao nosso trabalho, são eles: Investigar o que estudantes do Curso de Pedagogia entendem por afetividade, cognição e ato motor e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem; refletir de que forma os conjuntos funcionais e a teoria Walloniana são considerados e discutidos no Curso de Pedagogia e indagar o que estudantes de Pedagogia compreendem acerca do conceito de afetividade.

### 2.1 Panorama do lócus da pesquisa

Nosso trabalho foi realizado com a participação de quatro discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Formação de Professores, Campus de Cajazeiras, localizada no sertão do

estado da Paraíba. A universidade oferece os seguintes cursos de graduação: História; Matemática; Química; Física; Geografia; Ciências Biológicas; Letras; Enfermagem; Medicina, e o nosso foco principal que é o curso de Pedagogia.

O curso de Pedagogia<sup>1</sup> foi implementado pela Resolução nº. 294/79 do CONSUNI<sup>2</sup> e teve início no dia 17 de Março do ano de 1980, funcionando alternadamente nos períodos da manhã (matutino) e da noite (noturno) e vindo a ser regulamentado no ano de 1984, por meio da Resolução nº 01/84 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPB<sup>3</sup>, tendo como currículo vigente o elaborado pela Resolução nº. 05/2004 da CSE/UFCG. Já nos anos de 2001 a 2003 foi elaborado um novo Projeto Pedagógico pela Comissão de Graduação do Centro de Formação de Professores, que foi aprovado no dia 22 de Abril do ano de 2004, e que deu fim a existência da até então habilitação em Administração Escolar, instituindo a habilitação em Docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em meio à realidade da época e as discussões que envolviam a reformulação do curso de Pedagogia, a Resolução CNE/CP nº. 01, de 15 de maio do ano de 2006, veio como forma de edição das Diretrizes Curriculares Nacionais, na medida em que a Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores passa a instituir a formação do Pedagogo especificamente ao trabalho na docência, incluindo a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e juntamente com essa reformulação, veio a instituição de duas áreas de aprofundamento: Educação de Jovens e Adultos e Gestão de Processos Educativos.

O currículo do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores está estruturado a partir da distribuição em três blocos. O primeiro trata-se do núcleo de estudos básicos, no qual encontramos todas as disciplinas que oferecem para o pedagogo em formação uma gama de conhecimentos nas diversas áreas, e que possibilitam a este futuro professor deter de um embasamento teórico que dará base a sua práxis. Também nesse bloco estão presentes as disciplinas de Estágio Supervisionado na Educação

---

<sup>1</sup> Informações coletadas do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, 2009.

<sup>2</sup> Conselho Universitário. É o órgão colegiado legislador de maior poder dentro de uma Universidade.

<sup>3</sup> Na época o campus fazia parte da Universidade Federal da Paraíba.

Infantil; Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Seminários Temáticos I e II que abarcam respectivamente a discussão da formação docente e de um estudo mais flexível em meio às diversas temáticas que compõe o nosso cenário educacional. Aqui também se inclui o Trabalho de Conclusão de Curso, em que o graduando deverá elaborar uma escrita individual, de cunho descritivo-analítico, articulando aspectos teóricos e metodológicos sob a orientação de um professor relacionado à sua temática em estudo.

O segundo bloco em que o curso se estrutura é o núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos, no qual se inserem as áreas de aprofundamento em Gestão de Processos Educacionais e Educação de Jovens e Adultos, sendo que na metade do curso o discente necessita escolher entre uma dessas duas áreas para se aprofundar.

E o último bloco se refere ao núcleo de estudos integradores, que diz respeito às atividades flexíveis necessárias para conclusão do curso, que são elas: participação em congressos, palestras, mini-cursos, entre outros que devem somar o total de no mínimo 7 (sete) créditos<sup>4</sup>, que equivalem a 105 (cento e cinco) horas, que dão um total de no mínimo 3.210 horas que precisam ser concluídas em no mínimo 09 períodos letivos (diurno) e 10 períodos letivos (noturno) e no máximo 14 períodos letivos (diurno) e 15 períodos letivos (noturno).

O profissional formado no curso de Pedagogia do CFP terá a possibilidade de atuar: na Educação Infantil; nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; na Educação de Jovens e Adultos; na Gestão de Processos Educativos; no planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de atividades educacionais; e na elaboração e implementação de projetos educacionais de caráter interdisciplinar.<sup>5</sup>

Já no que diz respeito à avaliação desenvolvida no curso de Pedagogia, esta se dá de forma contínua e cumulativa, a partir da realização de diferentes tipos de atividades que podem acontecer de modo individual ou coletivo, em que o discente deverá demonstrar o aprendizado sobre conhecimentos

---

<sup>4</sup> Cada crédito equivale a 15 (quinze) horas.

<sup>5</sup> Ver o Projeto Pedagógico do curso (2009).

específicos propostos pelo professor de cada componente curricular do curso. A avaliação pode acontecer através da realização de provas orais ou escritas; atividades de campo seguidas de relatório; seminários; relatórios dos estágios supervisionados; escrita de projetos de pesquisa e por último a escrita e apresentação do trabalho monográfico que dará ao discente o título de Licenciado em Pedagogia.

Ao analisarmos as ementas das disciplinas do curso de Pedagogia que poderiam propor uma discussão relevante acerca da temática da afetividade, bem como o estudo da integração dos demais conjuntos funcionais da teoria Walloniana, percebemos que os componentes de Psicologia da Educação I, II e III trazem uma discussão sobre Henri Wallon, quando propõem que se estude as abordagens interacionistas, e os elementos que perpassam o desenvolvimento humano de 0 à 6 anos de idade e de 7 anos ao período da adolescência, porém notamos que há uma carência de objetivos específicos a essa discussão nas ementas do curso de Pedagogia, mas segundo duas participantes da pesquisa, essa discussão foi realizada na disciplina de Psicologia no ano de 2010 por uma professora que estudava a temática.

Dessa forma, percebemos que os componentes curriculares que chegam mais próximo de uma discussão da teoria Walloniana são as Psicologias, e um fato que nos chamou atenção foi à inexistência de textos de Henri Wallon nas ementas das disciplinas, sejam elas referentes a leituras básicas ou complementares, o que temos encontrado são mais discussões voltadas para a teoria de Piaget e Vigotsky.

Desde 2011 temos no Curso de Pedagogia um Grupo<sup>6</sup> de Estudos e Pesquisas em Afetividade na Prática Docente, coordenado por uma professora da Unidade Acadêmica de Educação que tem sua formação em Pedagogia e o doutorado em Psicologia da Educação, cuja tese<sup>7</sup> é sobre a discussão da afetividade em Henri Wallon. Esse grupo tem nos possibilitado estudar, pesquisar e refletir as diferentes práticas pedagógicas a partir de um olhar

---

<sup>6</sup> Projeto de Pesquisa: Afetividade e aprendizagem escolar: implicações na relação ensinar-aprender. Pesquisadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zildene Francisca Pereira.

<sup>7</sup> PEREIRA, Zildene Francisca Pereira. **Afetividade e aprendizagem escolar na perspectiva de professoras alfabetizadoras**. Tese de Doutorado. Programa de Educação: Psicologia da Educação. São Paulo: PUC/SP, 2010.

ampliado da construção do conhecimento, mas podemos enfatizar que por ser um grupo de estudos e pesquisas o número de vagas é reduzido e nem todos os discentes de Pedagogia conseguem participar, ficando, assim, um conhecimento restrito a poucos.

## 2.2 Participantes da pesquisa

Participaram dessa pesquisa quatro discentes do curso de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras. A primeira participante é Açucena, tem 30 anos, ingressou no curso de Pedagogia no ano de 2011 e está atualmente no 5º período do curso, no turno da noite. Açucena não tem experiência com a docência, mas atua no turno da manhã como monitora do Programa Mais Educação e já está tendo um contato inicial com a prática educativa, mesmo que não seja numa sala de aula de ensino regular.

A segunda participante da pesquisa, Amarílis, tem 26 anos, ingressou no curso de Pedagogia também no ano de 2011 e está cursando no turno da noite o 5º período do curso. Ela não está trabalhando no momento, e nunca teve experiência com a sala de aula, mas demonstra interesse pela profissão.

A terceira participante, Gardênia, tem 30 anos, ingressou no curso de Pedagogia no ano de 2009 e está atualmente cursando o 10º período do curso no turno da noite. A experiência que teve com a sala de aula se deu quando teve a oportunidade de ser aluna-bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) e em um determinado momento da sua vida também atuou como monitora do programa Mais Educação.

A nossa última participante da pesquisa, Hortênsia, tem 23 anos, ingressou no curso de Pedagogia no ano de 2010 e está cursando o 9º período no turno da manhã. Tem uma significativa experiência com a sala de aula, pois atualmente se encontra como professora efetiva de Educação Infantil na cidade em que reside, com tempo de docência de 4 anos.

Cabe salientarmos, que os dados aqui apresentados foram possíveis através da coleta de informações disponibilizadas na aplicação do questionário



de caracterização<sup>8</sup> das participantes, bem como da fala destas ao longo da entrevista semiestruturada.

### 2.3 Tipo de pesquisa, instrumentos para coleta e análise dos dados

Nosso estudo teve como modalidade de pesquisa a abordagem qualitativa, o qual enfatiza haver uma relação significativa, recíproca e interdependente entre sujeito e objeto, referindo-se a existência do mundo subjetivo e objetivo das coisas, de modo que espera do pesquisador uma posição de reflexão e de análise diante da realidade do objeto em estudo, utilizando-se de técnicas que o farão ter uma visão mais detalhada e clara do seu objeto. Objeto esse que está repleto de significados, no qual o pesquisador irá agir de forma a expressar suas interpretações.

A pesquisa qualitativa diferente da quantitativa não se traduz por meio de números, mas sim nos possibilita a descrição da complexidade que envolve os problemas de pesquisa, na qual se faz viável a compreensão das mudanças, dos processos dinâmicos de diferentes grupos, como forma de facilitar o entendimento das diversas peculiaridades dos sujeitos. Desse modo,

São muitas as interpretações que se tem dado a expressão pesquisa qualitativa e atualmente se dá preferência à expressão 'abordagem' qualitativa. Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação (OLIVEIRA, 2008, p. 37).

Sabendo disso, optamos por esse tipo de pesquisa por acreditarmos que ela nos possibilita um encontro significativo com os resultados que almejamos alcançar ao final do nosso trabalho, na medida em que requer o detalhamento da compreensão do pesquisador sobre o seu objeto de estudo. Para a referente pesquisa, inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico, uma pesquisa exploratória descritiva em torno dos diferentes estudos que recaem

---

<sup>8</sup> Ver apêndice B.

sobre o objeto, seguido da definição das técnicas de pesquisa, como, também, da análise dos dados coletados.

Parte dos dados da nossa pesquisa foram coletados através da aplicação de uma entrevista semiestruturada, contendo cinco questões-temas, na qual o pesquisador teve total abertura para interagir com o sujeito da pesquisa, de modo a tornar a coleta de dados mais significativa e relevante para os objetivos que almejávamos alcançar. Muito além do que é dito pelos sujeitos entrevistados, são as suas expressões mediante o momento da entrevista, sendo necessário, por parte do pesquisador, uma postura que vise muito mais do que um simples ver e escutar. A autora nos relata que,

Ao considerarmos o caráter de interação social da entrevista, passamos a vê-la submetida às condições comuns de toda interação face a face, na qual a natureza das relações entre entrevistador/entrevistado influencia tanto o seu curso como o tipo de informação que aparece (SZYMANSKI; ALMEIDA, 2010, p. 11).

Desse modo, no contato inicial com as entrevistadas, buscamos possibilitar que as participantes se sentissem a vontade e seguras quanto às contribuições que iriam trazer para a nossa pesquisa, em seguida apresentamos e deixamos claro os aspectos principais da nossa pesquisa, como tema, objetivos almejados e instrumentos de coleta dos dados necessários, para que estas pudessem ter um norte acerca do que iam ser indagadas ao longo da entrevista. É importante considerarmos que

Nesse primeiro momento o entrevistador se apresentará ao entrevistado, fornecendo-lhe dados sobre sua própria pessoa, sua instituição de origem e qual o tema de sua pesquisa. Deverá ser solicitada sua permissão para a gravação da entrevista e assegurado seu direito não só ao anonimato, acesso às gravações e análises, como ainda ser aberta a possibilidade de ele também fazer as perguntas que desejar (SZYMANSKI; ALMEIDA, 2010, p.19).

Ao longo da realização da entrevista, foi dado as participantes total abertura de intervenção para possíveis indagações acerca de dúvidas ou outros comentários mediante o nosso objeto de estudo, e cabe enfatizarmos, que antes do momento da entrevista, foi assinado por cada uma das

entrevistadas o termo de consentimento livre e esclarecido, em que as participantes tiveram asseguradas a confidencialidade de suas identidades. Após todas as entrevistas serem gravadas, os dados foram transcritos para serem devidamente analisados.

Além da entrevista utilizada para coleta dos dados da nossa pesquisa, foi aplicado, também, um questionário de caracterização, que nos permitiu uma compreensão mais detalhada do perfil de cada participante. Ao darmos por encerrado a aplicação destes instrumentos, propomos outro tipo de instrumento para que houvesse ao final, resultados mais esclarecedores acerca da compreensão das entrevistadas sobre o nosso tema em estudo.

Cada participante ao final do dia de entrevista recebeu uma carta, contendo toda uma contextualização do nosso interesse com a temática, bem como a proposta de que nos respondesse esta carta, como forma de suprir outros questionamentos que tínhamos mediante a pesquisa em estudo. Foi solicitado que estas discorressem acerca do sentimento ao receberem a correspondência, bem como que nos dessem a sua compreensão escrita sobre o conceito de *afetividade*, e que exemplificassem este conceito através de experiências vividas na sua vida estudantil/profissional/pessoal, sejam elas agradáveis ou desagradáveis mediante as suas concepções acerca de tal assunto.

Este tipo de escrita que possibilita ao participante responder um questionamento através de uma carta, e lhe concede uma maior liberdade no percurso que sua escrita pode tomar, é conhecido como epistolografia. O trabalho com o texto epistolar possibilita aos professores em formação, bem como aos professores formados e aos diversos pesquisadores, uma (re)valorização desse tipo de material, que necessita ganhar maior visibilidade e relevância dentro do universo de pesquisa (TAMAROZZI, 2004). Pensamos que a partir da escrita epistolar, as participantes da pesquisa poderiam expressar situações indutoras de afetividade ao longo da sua formação enquanto pessoa e acadêmica do curso de Pedagogia. Diante disso, vemos que a

A carta cumpre uma função comunicadora, sendo empregada para isso uma linguagem emotiva (ou expressiva), cujo fator

importante é o narrador, o eu. [...]. Esse tipo de texto trás ao escritor uma grande possibilidade de se deixar levar pelas emoções e até tornar seu conteúdo uma obra literária. Compartilhamos, então, dos que acreditam serem as cartas um ótimo recurso para registrar situações de afetividade (TAMAROZZI, 2004, p.129).

Desse modo, para a análise dos dados coletados com o questionário de caracterização, a entrevista e as cartas, tomamos como base de sustentação a concepção da teoria Walloniana diante do nosso objeto de estudo, numa perspectiva de Análise Temática, que compreende que

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de decodificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões [...] (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 221).

Essa etapa é delicada e de fundamental importância para o pesquisador e seu trabalho, pois requer deste um distanciamento mediante a sua compreensão em relação ao objeto de estudo, para que o que possa preponderar neste momento seja o entendimento dos participantes diante do que se deseja conhecer. Nesse momento, é levada em conta a repetição de frases e palavras que surgem das falas das entrevistadas para a formação de possíveis categorias de análise.

### 3. A DISCUSSÃO DA TEORIA WALLONIANA NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

O indivíduo é social não como resultado de circunstâncias externas, mas em virtude de uma necessidade interna.

(Wallon, 1941/1995)

O estudo da afetividade e dos demais conjuntos funcionais presentes na teoria Walloniana tem ganhado um maior destaque nas pesquisas e trabalhos realizados no âmbito educacional, porém, supomos, ainda, que estes são poucos discutidos nos cursos de formação de professores, especificamente no curso de Pedagogia. Há uma carência nas discussões promovidas pelos cursos, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da criança de forma integral, como nos possibilita compreender Henri Wallon.

Podemos enfatizar, mediante as discussões feitas até aqui, que uma reflexão mais aprofundada de um trabalho com a teoria Walloniana no Curso de Pedagogia, traria uma contribuição maior para a formação do futuro profissional da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois, na medida em que esta nos possibilita uma compreensão da criança como um todo, como um ser em constante desenvolvimento integral, poderíamos ser profissionais mais conscientes das etapas que perpassam o seu processo de aprimoramento cognitivo, afetivo e motor, tríade essa tão primordial na vida e desenvolvimento das crianças. Sabemos que

A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon é um instrumento que pode ampliar a compreensão do professor sobre as possibilidades do aluno no processo de ensino-aprendizagem e fornecer elementos para uma reflexão de como o ensino pode criar intencionalmente condições para favorecer esse processo, proporcionando a aprendizagem de novos comportamentos, novas ideias, novos valores (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 15).

Esse conhecimento teórico que Wallon nos propõe, serviria como embasamento para a prática do professor, na medida em que ele considera que o bom trabalho desse profissional, deve acontecer unido a práticas que

visem à sensibilidade do processo educativo, atrelando a necessidade do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento afetivo e motor, compreendendo, assim, o sujeito de forma integral e possibilitando a este uma gama de conhecimentos e vivências que servirão de base para seu progresso enquanto sujeito em formação. Em relação ao desenvolvimento do sujeito, as autoras Almeida e Mahoney (2007, p. 18) consideram a partir da teoria walloniana que “[...] a constituição da pessoa é formada por conjuntos funcionais, que são etapas da nossa vida que nos constitui pessoas com habilidades e competências variadas”.

A pesquisa que aqui se concretiza é de natureza qualitativa, e teve o objetivo de analisar concepções de estudantes acerca do conhecimento da teoria Walloniana no Curso de Pedagogia. Utilizamos para a composição da pesquisa, a aplicação de uma carta, contendo uma pergunta chave sobre o tema em pesquisa e a realização de uma entrevista semiestruturada contendo cinco questões temas, as quais serão analisadas a seguir. Vale salientar, que para a análise dos dados obtidos no decorrer das entrevistas, foram utilizados nomes fictícios<sup>9</sup>, de modo a manter o anonimato de suas identidades, como reforça o termo de confidencialidade<sup>10</sup> assinado pelas participantes.

Será feito a seguir, através dos dados obtidos com a aplicação da entrevista e da carta, bem como a partir das reflexões suscitadas destas, uma análise acerca da presença de aspectos que nos proporcionem respostas para as questões propostas em ambos os instrumentos, por meio das falas das participantes, de modo a compreender as concepções destas estudantes sobre a discussão da teoria Walloniana no Curso de Pedagogia.

Toda a pesquisa girou em torno do estudo da teoria Walloniana no curso de Pedagogia, e da necessidade de um trabalho mais significativo com essa temática dentro dos cursos de formação de professores. Com a aplicação da entrevista, pudemos coletar uma gama de informações que serão relevantes para a discussão que aqui propomos. Em um primeiro questionamento, perguntamos sobre o ingresso das participantes no curso de Pedagogia, bem como acerca das motivações que levaram a esta escolha e das expectativas

---

<sup>9</sup> Nomes estes que serão identificados a partir do nome de flores.

<sup>10</sup> Ver apêndice A.

em meio ao êxito no ingresso ao curso. A primeira entrevistada nos relatou o seu interesse desde cedo de cursar Pedagogia, e as influências que a levaram a fazer esta escolha, que se deu a partir de experiências agradáveis e desagradáveis durante a sua vida estudantil enquanto discente da educação básica. Ela nos relata que

A primeira coisa que me motivou no curso, foi o fato de eu achar muito interessante a educação e a escolha pela Pedagogia foi porque eu tive duas experiências quando eu estudava a educação básica. Por duas professoras. Uma que me motivou pelo lado negativo e a outra pelo lado positivo. A primeira, até a segunda série, ela dizia que eu não iria aprender, e eu realmente tinha dificuldade de aprendizagem, eu não sabia ler e escrever. Quando eu cheguei na terceira série fui transferida para outra escola, eu morria de medo da professora, porque achava que os colegas iam rir de mim, porque eu não sabia ler, e eu tinha muita vergonha, muita tímida. Quando o tempo passou eu me surpreendi com ela, porque pelo contrário da outra professora, ela dizia que eu iria aprender, ela me ensinou, teve toda paciência. E eu digo assim... Eu fui alfabetizada na terceira série (Açucena).

É possível percebermos em sua fala que, a entrevistada foi ao longo da sua vida estudantil, afetada por ambas as professoras que ela nos apresenta no seu relato, na medida em que uma delas a afetou de forma negativa, ao reforçar que esta não tinha capacidade de aprender o que era ensinado na sala de aula, bem como não a motivava para que pudesse melhorar o seu desempenho, nem com metodologias que suprissem de alguma forma as dificuldades que ela enfrentava, como, também, sem a abertura para estabelecer uma relação estável. Já no que diz respeito à segunda professora que a entrevistada nos relata, podemos compreender que havia por parte desta, uma maior dedicação para com a aprendizagem dos seus educandos, bem como priorizava a existência de boas relações dentro da sala de aula, o que veio a afetar positivamente, de modo a fazer com que, o que ela não aprendeu com a primeira aprendesse com esta outra.

Aqui vemos a influência que o entendimento da afetividade pode causar no processo ensino-aprendizagem das crianças, na medida em que o fracasso de muitas delas, podem estar atrelado à carência de um vínculo afetivo

agradável na relação professor-aluno no âmbito da sala de aula. No que diz respeito a essa relação às autoras nos mostram que

[...] o processo ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois o ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor-aluno é determinante (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.12).

É na sala de aula que o professor precisa possibilitar aos seus educandos o desenvolvimento dos seus aspectos cognitivos, motores e afetivos, através de espaços que priorizem a interação social e a partilha de sentimentos, emoções, interesses e desejos diversos, fazendo com que, assim, as crianças se sintam parte integrante do seu processo de aprendizagem, e dando a escola um lugar de maior destaque na formação humana do sujeito, ao ponto de que o professor e todos os envolvidos nesse processo são seres sociais, que são providos por sentimentos e emoções como qualquer outro sujeito. O autor Araújo (2000, p. 41), concorda com essa afirmativa quando diz que “[...] a sala de aula implica fundamentalmente na relação professor-aluno, relação essa determinante em relação às demais no interior da escola [...]”.

A segunda entrevistada nos responde que nem sempre almejou cursar Pedagogia, pois, de início, tinha o interesse de cursar outra Graduação, mas que mais adiante percebeu que o que queria, realmente, era ingressar em um curso que lhe possibilitasse um trabalho com crianças, já que esta demonstra um interesse significativo com a educação infantil, etapa tão necessária e ímpar no desenvolvimento dos sujeitos em formação. Sua fala é clara ao explicitar as razões pelas quais escolheu o curso de Pedagogia quando diz:

No início eu achava, quando tava no ensino fundamental, que eu me identificava com medicina veterinária, só que com o passar do tempo eu fui vendo que não tinha nada haver comigo, já que eu percebi que não me interessava cuidar de animais. Mas assim, quando eu estava no ensino médio, eu percebi que no fundo o que eu queria fazer era Pedagogia, e no ano de 2011 eu iniciei os estudos na instituição, e estou no curso certo. Me identifico com o curso, gosto bastante de crianças, eu quero ensinar. Como muita gente me pergunta: mas você quer ser professora? E eu respondo: sim, eu quero ser professora. As minhas expectativas, é que eu consiga terminar o curso, que eu me aperfeiçoe cada vez mais, consiga



aproveitar todas as oportunidades e seja futuramente uma excelente pedagoga. E acredito que o que me motivou a ingressar no curso foi realmente o interesse e a curiosidade pela área (Amarílis).

Esta é uma realidade que vemos com frequência no ingresso ao curso de Pedagogia, pois quando os discentes são questionados acerca das motivações que os fizeram escolher o curso, muitos relatam ter sido por falta de opção ou por influência da família que, na maioria das vezes, já tem algum pedagogo (a) formado (a), ou mesmo porque sempre quiseram ser professores, mas o que vemos, também, são sujeitos que mesmo ingressando no curso sem tanta certeza com as suas escolhas, ao longo deste passa a se encontrar com a profissão de professor, e compreendendo o mundo que envolve a formação de um profissional da educação que esteja apto a lidar com as demandas da realidade educacional ao qual encontrará no mercado de trabalho.

A terceira entrevistada da pesquisa, ainda no questionamento com relação ao ingresso no curso e as motivações que determinaram tal escolha, nos responde de forma semelhante ao relato da discente anterior, no que diz respeito a ter se encontrado com o curso no decorrer do processo de formação, e não por querer ser pedagoga desde cedo, ou por vocação como muitos preferem afirmar. Ela nos responde que

De início eu queria Psicologia, porém por aqui não tínhamos ofertado esse curso, ai eu fui por eliminatória, e o curso que eu mais me identifiquei foi o curso de Pedagogia, mas precisamente também por envolver a educação infantil. Eu tinha dúvidas se eu conseguiria, porque até então todo mundo reforçava que eu não tinha vocação para professora, principalmente minha família, meu pai, então quando eu comecei a estudar Pedagogia eu ainda tinha dúvidas se eu me identificaria. Então eu fui me descobrindo e a partir do estágio em educação infantil, foi ai que realmente caiu a ficha, foi quando eu me identifiquei muito com a docência na área de educação infantil (Gardênia).

Outro fator relevante que podemos analisar nessa resposta da discente Gardênia, é a possibilidade do momento do estágio ser uma etapa decisiva na formação do futuro pedagogo, pois, é a partir deste que podemos ter um enfrentamento reflexivo com a realidade do mercado de trabalho. Este encontro

com a docência, também pode vir a ser um desencontro para muitos discentes do curso de Pedagogia, que na maioria das vezes entram no curso sem saber as especificidades que envolvem o trabalho do pedagogo, e por meio do estágio acabam se deparando com uma realidade que não lhe causa interesse, especificamente pelo modelo de escolas que temos e a falta de recursos para lidarmos com as exigências da sala de aula, mas sim sentem o descontentamento para com esta profissão.

O estágio no cerne da sua aplicabilidade na vida dos graduandos em Pedagogia abre portas para o processo de construção da identidade docente desses até então discentes. Como afirmam as autoras Pimenta e Lima (2004, p.55) em relação a sua relevância, elas nos relatam que o estágio “[...] deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores”. O estágio como um instrumento formador, viabiliza aos alunos-estagiários, um primeiro contato com o cenário educacional, na medida em que pode promover uma reflexão significativa acerca das lacunas que perpassam a educação de crianças no nosso país.

A última entrevistada nos possibilita outra discussão em relação ao ingresso no curso de Pedagogia, pois teve a possibilidade de concomitantemente ao entrar no curso, ingressar, também, como professora de educação infantil na rede pública de ensino de sua cidade, o que a fez segundo o relato que se segue, ter um olhar diferenciado sobre os seus educandos, na medida em que pôde aprender com a teoria e aplicar no seu trabalho o que ia sendo estudado ao longo do curso. Ela nos relata que,

De início quando eu terminei o magistério eu fiquei meio perdida, não sabia até então o curso o qual iria ingressar. Mas já influenciada pelo fato de ter concluído a pouco tempo o magistério, eu decidi dar continuidade a esse processo de formação enquanto professor e fiz o vestibular para Pedagogia, foi quando coincidiu que eu passei no vestibular e ao mesmo tempo passei, também, em um concurso público na minha cidade, para ser professora de educação infantil. E dessa forma foi isso que me motivou a buscar uma melhor formação e ao longo do curso fui me identificando cada vez mais com a profissão de professor e compreendendo que a prática não é nada sem a teoria, como a teoria também não é nada sem a prática, já que eu fui tendo a oportunidade de trabalhar na área a qual eu estava me qualificando (Hortênsia).

A discente Hortênsia nos mostra que a possibilidade de ser uma professora-aluna e obter uma formação continuada dentro do curso de Pedagogia, é de extrema relevância, na medida em que o curso permite uma reflexão a partir da práxis docente, de modo que segundo Pimenta e Lima (2004), a formação contínua desses sujeitos estaria a cargo de uma constante reflexão, seguida de uma gama de conhecimentos que sejam capazes de estabelecer uma relação entre teoria e prática, ao ponto que o homem, e mais precisamente o professor, necessita, urgentemente e cotidianamente, reaprender a pensar, atribuindo, assim, um sentido social a sua prática, a qual não se trata de uma mera transmissão de conteúdos, mas sim de uma possibilidade de transformação humana, de emancipação humana a partir de uma prática que leve em conta e de forma crítica à realidade vivida.

Podemos perceber nas respostas até aqui analisadas que as discentes foram influenciadas de diferentes formas para o ingresso no curso de Pedagogia, na medida em que demonstram motivações diversas e até mesmo a falta delas na hora de escolherem que curso ingressar. A discente Açucena demonstrou maior segurança em relação ao interesse desde cedo pelo curso, pois, segundo ela a vontade de fazer Pedagogia veio a partir da vivência de experiências na educação básica que a fizeram almejar ser uma educadora, para que pudesse exercer a docência e realizar uma postura diferente da citada por ela, na qual foi afetada de forma desagradável por uma das suas professoras. Porém, as outras entrevistadas, Amarílis, Gardênia e Hortênsia, mesmo não almejando cursar Pedagogia desde cedo, demonstram um encontro significativo com o curso ao longo da formação, bem como a vontade de concluí-lo com êxito.

Em um segundo questionamento feito as entrevistadas, perguntamos se elas já tiveram algum contato com a teoria Walloniana no curso de Pedagogia, em qual disciplina e como esse trabalho aconteceu. A primeira entrevistada diz-nos que

No curso não. Até agora eu não vi não. Agora na monitoria eu já vinha vendo algumas pesquisas sobre essa teoria e ouvido falar em Wallon, e me interessei. E como sou monitora tinha uns temas para escolher para uma apresentação, e de imediato eu escolhi Wallon, porque como ele trabalha a

afetividade, eu acredito que isso seja necessário, apesar de não conhecer muito a teoria walloniana, mas eu acho ser necessário esse trabalho com a presença da afetividade. Ai eu escolhi Wallon e vi algumas coisas, nada muito aprofundado, porque até mesmo houve a questão do tempo que foi pouco. Mas no curso em si eu não vi nada a respeito (Açucena).

Açucena nos mostra que mesmo com a carência nas disciplinas iniciais do curso, de uma discussão que abarcasse o estudo da criança de forma integral, ela teve a possibilidade de conhecer um pouco de Wallon e sua teoria durante a experiência com a monitoria, experiência essa tão rica para a formação do Pedagogo, pois, é a partir da possibilidade de vivenciar a monitoria que o professor em formação poderá ter um novo olhar sobre o processo ensino-aprendizagem, na medida em que pode experimentar a sala de aula sob um novo âmbito, sob o prisma do professor, sendo uma peça chave na dinâmica da sala de aula a qual faz parte.

A monitoria como Lins et. al (2009, p.1) afirma “[...] é uma modalidade de ensino e aprendizagem que contribui para a formação integrada do aluno nas atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de graduação”. Dessa forma, Açucena nos mostra que o aprendizado da monitoria contribuiu para o seu conhecimento sobre Wallon e o estudo da afetividade, como esta discorre na entrevista. Pudemos perceber no nosso primeiro questionamento, que ela nos relata nas entrelinhas que compreende a concepção de afetividade dada por Wallon, ao ponto em que nos possibilita exemplos de sua vida estudantil, com situações agradáveis e desagradáveis que a motivou na escolha do curso, pois Wallon (1941/2007) nos diz que a afetividade é uma forma de estar no mundo, de sentir-se no mundo, é ser afetado e afetar as pessoas que nos rodeiam, na qual iremos experimentar sensações agradáveis e desagradáveis.

A entrevistada Amarílis, nos mostra que também não teve contato com a teoria Walloniana até o momento no curso de Pedagogia, ela diz em seu depoimento que “[...] com relação a Wallon eu vou ser sincera, eu não estudei no curso de Pedagogia, já ouvi falar alguma coisa a respeito, mas desconheço os seus estudos, o que ele defenda, trabalha, enfim, não conheço a sua teoria em si”. Vemos aqui o total desconhecimento da discente acerca da teoria de Wallon e dos seus pressupostos teóricos.

Já a nossa terceira entrevistada nos mostra que durante seu processo de formação pôde ter um contato mesmo que sucinto com a teoria em discussão, pois a possibilidade de ter acesso a esses conhecimentos em algumas disciplinas iniciais do curso, a leva a compreender uma pequena, mas significativa parte da teoria quando diz-nos que,

Eu tive contato na disciplina de Psicologia, não me recordo no momento em qual período precisamente, mas foi logo nos primeiros períodos, e eu lembro que fala do processo de desenvolvimento da criança, dos estágios de desenvolvimento, como o sensório-motor, categorial, personalismo, e assim, foi estudado um pouco sobre Wallon. E eu vim a ter outro contato em educação infantil, na disciplina de educação infantil, onde foi pesquisado para um seminário um pouco sobre a teoria de Wallon, aí a gente pode compreender um pouco mais como acontece o trabalho com as crianças pautadas nessa teoria (Gardênia).

Podemos perceber nesse relato, que Gardênia recorda aspectos da teoria Walloniana de forma bem vaga, talvez por ter sido visto, apenas, nos períodos iniciais do curso, e esta já se encontrar nos momentos finais da sua formação, porém, vemos também o seu conhecimento acerca dos estágios de desenvolvimento apontados pelo autor como fundamentais a serem compreendidos pelo professor, para a existência de uma melhor formação dos seus educandos.

Em relação aos estágios propostos pela psicogenética de Wallon (1973/1975) ele nos aponta que estes são cinco, o primeiro seria o estágio impulsivo-emocional, caracterizado pela impulsividade motora da criança, na qual ela utiliza a emoção como instrumento para sua interação com o meio. O estágio sensório-motor ou projetivo é a etapa em que a criança está voltada para o seu lado externo e tem a necessidade de explorar o mundo físico que está a sua volta, e pelo qual a marcha e a linguagem começam a aparecer de modo mais freqüente. O personalismo, pelo qual a criança inicia a construção da sua personalidade e já se auto denomina 'eu', na medida em que essa fase se caracteriza pela descoberta e interação social desta consigo mesma. Já o estágio categorial é o momento pelo qual a criança começa a formar categorias, rompendo com o até então pensamento sincrético, ela passa a se diferenciar de forma mais clara do outro. E por último, temos o estágio da

adolescência ou puberdade, em que o interesse do sujeito está voltado para a construção e descoberta de si, e no qual este passa por uma busca constante por sua autonomia.

Vale salientar, que em cada etapa de desenvolvimento que a teoria Walloniana nos possibilita compreender, há uma alternância de preponderância de um determinado conjunto funcional, ou seja, em cada estágio de desenvolvimento, segundo Wallon (1973/1975) prepondera um ou mais conjunto funcional, por exemplo, no estágio impulsivo-emocional a preponderância é da afetividade, o sujeito está voltado para a construção de si, enquanto que no categorial a preponderância é do conjunto cognitivo, este está voltado para a construção do real, e assim sucessivamente. Porém, devemos atentar para o fato de que a preponderância de um campo funcional não restringe a presença de um ou mais campos, pelo contrário, há apenas um maior desenvolvimento de um destes, enquanto que os demais se encontram presentes de forma menos preponderada.

De acordo com Hortênsia, ainda, com relação ao questionamento se esta teve algum contato com a teoria Walloniana durante o curso, ela nos responde de forma semelhante à anterior, quando nos afirma e diz que “Sim. Logo no início, no primeiro período na disciplina de Psicologia da Educação I e depois na disciplina de Seminários Temáticos, a qual teve a apresentação de um grupo que abordava a temática da afetividade em uma das suas discussões” (HORTÊNSIA).

Podemos analisar que as discentes Açucena e Amarílis não tiveram, ainda, durante o seu processo de formação no curso de Pedagogia, um contato com a teoria Walloniana nas discussões promovidas na sala de aula, pois o contato que a discente Açucena teve, se deu durante a experiência com a monitoria, de modo que com relação as entrevistadas Gardênia e Hortênsia, vemos que estas por estarem nos momentos finais do curso, tiveram nos períodos iniciais deste, uma discussão relevante da teoria que as fazem ter uma compreensão mesmo que sucinta deste autor e dos seus pressupostos teóricos.

Ainda com relação à possibilidade do estudo da teoria Walloniana no curso de Pedagogia, perguntamos as discentes como elas percebem essa discussão e se acham que é relevante para a formação do Pedagogo. A

entrevistada, por não ter tido um contato significativo com esta teoria diz-nos que,

Na verdade eu acho que no curso de Pedagogia tem muita coisa que deveria ser estudada e é deixada de lado para a presença de demais assuntos que muitos compreendem ser mais importantes do que estudar Wallon, por exemplo. Eu vejo que deveríamos sim estudar Wallon no curso de Pedagogia, já que sua teoria é tão desconhecida por muitos, como por exemplo a mim, que estou no quinto período do curso já (Amarílis).

A discente nos confirma a necessidade desse estudo desde os períodos iniciais do curso, e ressalta que há a supressão de muitos conhecimentos que poderiam ser abordados no curso de Pedagogia, que acabam sendo vistos como de menos importância se comparado a outros. A outra discente que teve a possibilidade de estudar Wallon na monitoria nos relata que para ela,

Wallon é pra ser estudado não só no curso de Pedagogia, mas na maioria dos cursos. Na questão não só de ser professor, porque eu acho que wallon acrescenta um grande enriquecimento para nós também enquanto pessoas. Quando ele fala dessa necessidade de compreender os sujeitos na sua totalidade e eu acredito que quando você entra numa sala de aula e tem um primeiro contato com os alunos, você precisa compreender que ele não é um ser isolado, que ele é um ser enquanto pessoa, estudante, filho, enfim, tem todo um contexto que envolve ele. Então como na Pedagogia nós trabalhamos com a aprendizagem de crianças, a criança se ela não tem um bom relacionamento dentro de casa, conseqüentemente isso irá afetar na sua vida estudantil. Se nós entendermos que a criança passa por problemas em casa, se ela está agressiva, se ela não é atenta as atividades, com certeza ela está passando por algum problema. Então é importante compreender isso, quando Wallon diz que devemos compreender o sujeito na sua totalidade, e também quando diz que a inteligência anda junto com a afetividade, que há uma reciprocidade (Açucena).

Fica explícito no relato da discente o seu conhecimento sobre os aspectos da teoria Walloniana, que como ela nos trás, compreende o sujeito na sua totalidade, sujeito esse que se desenvolve *afetivamente*, *cognitivamente* e no que diz respeito ao seu desenvolvimento *motor*. E que esta tríade para Wallon (1973/1975), forma outro conjunto funcional, que seria o conjunto da *pessoa*. Açucena ainda nos trás uma discussão acerca da necessidade do

professor entender que a criança quando chega à sala de aula, ela não é um sujeito isolado, mas sim um sujeito que precisa ser enxergado integralmente, pelo qual compreendemos que uma boa vivência familiar é parte fundamental para esse desenvolvimento, e em relação a isso Almeida (2005, p. 98) ressalta que “[...] um ambiente equilibrado afetivamente proporciona à criança estabilidade emocional”.

É notório que o ambiente familiar e o da escola são os espaços mais frequentados pelas crianças e, desta forma, são os que devem promover uma contínua e significativa formação deste indivíduo, na medida em que seja no ambiente familiar, escolar ou na sociedade em geral, a criança está a todo o momento sendo afetada de forma agradável ou desagradável e cabe a família, o professor, bem como os demais indivíduos presentes nesse processo, permanecerem atentos a esses sinais, e segundo Almeida (2005, p. 16), “[...] os professores necessitam aprender sobre o funcionamento das emoções, estudar sua natureza fisiológica e social, isto é, compreender seu mecanismo de ação para poder assumir seu controle [...]”.

A outra discente quando indagada acerca dessa questão, nos responde da seguinte forma,

Sem dúvidas. Porque assim, não que seja uma cartilha que você tem que seguir de cabo a rabo, não é uma receita pronta, até porque a gente sabe que cada criança é diferente, tem as suas especificidades, então tem que ser acompanhada. Então, eu acredito ser muito relevante, porque a partir dela você vai ter uma base, uma orientação de como acontece o desenvolvimento da criança sobe vários ângulos. E nesse caso, a teoria é a nossa fundamentação sobre a prática, para não ficarmos só nos achismos, no senso comum. E eu acredito que esse contato que eu tive, mesmo que pouco trouxe grandes contribuições para a futura profissional que eu almejo ser, porque a gente passa a enxergar as coisas de uma forma mais clara. Antes de entrar no curso, eu via uma criança pintando, desenhando, eu não tinha ideia de todas as coisas que estavam envolvidas no seu universo de aprendizagem. Porque na maioria das vezes, nós a vemos de forma isolada, de modo fragmentado (Gardênia).

A entrevistada nos aponta uma realidade bem presente na maioria das escolas e pré-escolas, ela atenta para o fato de que o professor, na maioria das vezes, compreende o desenvolvimento dos seus educandos de forma



fragmentada, o que acaba tornando o processo de aprendizagem destes, carente e limitado. Ela compreende a relevância da teoria ser estudada nos cursos de Pedagogia, na medida em que enfatiza que esse estudo, acarretaria para o professor, um olhar diferenciado diante do desenvolvimento dos seus educandos, pois, um professor que compreende que as crianças se desenvolvem de forma integral, ele vai levar em conta não só o aprimoramento dos seus aspectos cognitivos, mas, também, no que diz respeito ao seu lado afetivo e motor. E isso fará toda a diferença tanto no processo de ensino quanto na aprendizagem, serão contribuições significativas para ambos os lados.

A última entrevistada nos trás uma contribuição, no que diz respeito à relevância da teoria Walloniana e a necessidade de seu estudo nos cursos de Pedagogia, ela nos diz que,

Sim. Eu acredito que seja uma discussão bastante relevante, apesar de ser muito pouco discutida no curso de Pedagogia, pela importância que ela tem ela deveria ser mais discutida e ser mais enfatizada, para os educandos já terem uma noção da importância e contribuição que Wallon nos trás para o processo de formação dos futuros pedagogos, e para refletirmos o trabalho dentro da sala considerando não só a parte cognitiva dos educandos, mas sim, também, o seu desenvolvimento afetivo e motor, já que Wallon considera os três como indissociáveis no desenvolvimento da pessoa (Hortênsia).

Podemos perceber que a discente demonstra compreender a importância dos pressupostos teóricos que a teoria Walloniana nos possibilita conhecer e por em ação no dia-a-dia da nossa práxis docente. Vemos que no seu discurso a entrevistada mostra conhecimento sobre os conjuntos funcionais apontados por Wallon no desenvolvimento da criança integral, e na medida em que esta considera que os três são indissociáveis entre si. O professor na teoria Walloniana,

[...] desempenha um papel ativo na constituição da pessoa do aluno. Como a teoria enfatiza a pessoa com as dimensões afetiva, cognitiva e motora integradas e se nutrendo reciprocamente, o professor deve basear sua ação fundamentado no pressuposto de que o que o aluno conquista no plano afetivo é um lastro para o desenvolvimento e vice-versa. A teoria pressupõe uma íntima

relação entre emoção e cognição, logo o professor precisa criar condições afetivas para o aluno atingir a plena utilização do funcionamento cognitivo e vice-versa (ALMEIDA, 2004, p. 126).

O professor que detém o conhecimento acerca do que a teoria Walloniana nos proporciona compreender, tende a realizar um trabalho de maior qualidade junto aos seus educandos, pois na medida em que ele compreende e percebe que as crianças se desenvolvem de forma integral, na qual em determinadas fases desse crescimento, preponderam um ou mais conjuntos funcionais, ele terá uma noção mais clara e objetiva desse desenvolvimento, podendo intervir de forma consciente e adequada em cada estágio que a criança se encontra.

A partir desse entendimento, o professor será um agente que poderá organizar melhor o cotidiano dos seus educandos, ao ponto que necessita propor novas formas de se efetivar uma boa aprendizagem, tendo sempre em vista a íntima relação existente entre cognição e emoção no processo de ensino-aprendizagem, e especialmente se tratando das crianças que se encontram na educação infantil, as quais necessitam ter uma maior atenção e cuidado do professor, diante do seu desenvolvimento nessa etapa, já que essa é determinadamente à base da educação.

### 3.1 Integração afetiva-cognitiva-motora: os conjuntos funcionais propostos pela psicogenética Walloniana.

O desenvolvimento dos sujeitos é considerado segundo a teoria Walloniana, decorrente da integração do seu organismo com o meio, e da integração referente à interdependência entre os três campos funcionais – *afetividade, cognição e ato motor* -, que Wallon (1973/1975) compreende ser o que dar significado a constituição da pessoa, que seria o quarto conjunto funcional, o qual ele apresenta na sua teoria psicogenética da pessoa completa.

Dessa forma, compreender a constituição da pessoa como um processo em que se integram organismo e meio significa

reconhecer que o ser humano se desenvolve a partir de seu organismo, capaz de vir a ser homem, e que as funções potenciais do organismo surgem de acordo com as etapas biológicas de desenvolvimento e realizam-se de acordo com as circunstâncias que encontra no meio (PRANDINI, 2004, p.26).

Os conjuntos funcionais na teoria Walloniana compõem uma tríade fundamental para o pleno desenvolvimento dos sujeitos. E diante dessa ressalva, vemos a necessidade do professor estar atento as etapas de desenvolvimento que perpassam a vida destes, trabalhando de modo a estimular e valorizar ambos os conjuntos funcionais, no qual deve-se desmistificar a ideia de que estes se desenvolvem de forma fragmentada e isolada, mas sim de modo integrado, no qual um depende do outro para que se possa obter êxito no que se propõe alcançar.

O pleno entendimento do professor acerca de cada conjunto funcional abordado pela teoria Walloniana, possibilita no seu trabalho um olhar panorâmico diante do processo de aprendizagem dos seus educandos, na medida em que este, possivelmente, compreenderá e considerará esse desenvolvimento decorrente desde os seus aspectos orgânicos, emocionais, até os motores e cognitivos.

Em relação ao entendimento desses conjuntos, em outro questionamento perguntamos as entrevistadas, o que elas entendiam acerca de cada conjunto funcional – *afetividade, cognição e ato motor* - e até que ponto esses campos são estudados no curso de Pedagogia. Uma delas nos responde que,

Acredito que afetividade é a capacidade que eu tenho de afetar ou de ser afetado, tanto pelo meu externo quanto pelo meu interno. A cognição é o ato de conhecer, é o conhecimento, é você aprender, a capacidade que eu tenho de aprender. O ato motor eu fico ainda um pouco confusa para falar sobre ele, foi até neste que eu tive alguma dificuldade pra entender, que Wallon diz que o ato motor vai lhe posicionar ao conhecimento. Então assim, eu acho que a partir do momento que a criança se movimenta, ela se manifesta, tem as primeiras reações, ela vai desenvolver conseqüentemente a sua cognição. Eu vejo que esses campos não são muito discutidos no curso de Pedagogia. Se for é mais o campo da cognição (Açucena).

Ao analisar essa resposta, podemos perceber que a discente demonstra conhecimento acerca do que seja afetividade para além do senso comum, quando ressalta que é a capacidade que temos de afetar e de ser afetado tanto pelo meio interno quanto externo, pois, segundo as autoras, a partir dos estudos wallonianos, a afetividade “[...] refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.19).

É necessário compreendermos que discorrer sobre a afetividade não é algo fácil nem tampouco simples, pelo contrário, o entendimento do que seja afetividade abarca uma série de discussões, que vão desde os componentes orgânicos até os componentes cognitivos do desenvolvimento dos sujeitos, o que requer de quem estuda e pesquisa sobre a área, paciência, dedicação e muita leitura, para que não haja equívocos quanto ao real significado e relevância desse conjunto apontado pela teoria psicogenética Walloniana, como inerente ao sujeito desde o seu nascimento.

Ainda em sua fala Açucena nos trás sua contribuição sobre o que seja cognição e ato motor, relacionando a cognição ao ato de conhecer e o ato motor ao movimento, pelo qual a criança se manifesta de diferentes maneiras e constrói o conhecimento. Em relação a essa discussão dos conjuntos funcionais, outra discente nos aponta que antes de estudar a teoria Walloniana ela compreendia a afetividade, bem como os demais conjuntos, de forma diferenciada a que ela percebe hoje, depois de ter tido esse contado mesmo que sucinto com a discussão, ela nos responde que,

Afetividade até então quando falavam, eu compreendia como se fosse as formas de carinho, como um abraço, mas a partir do momento que estudei algo da teoria de Wallon, eu compreendi que afetividade é mais um ato de afetar mesmo, seja de forma positiva ou negativa, então a relação da afetividade no desenvolvimento da criança é fundamental, é onde você vai impor limites, ensinar de modo que compreenda a criança como centro do seu processo de aprendizagem, o carinho, o estímulo, tudo isso faz parte do que eu vejo ser a afetividade. Então eu vejo que quando você afeta ou é afetado de forma positiva ou negativa, isso vai trazer marcas para a sua vida. Diante disso, a escola, a educação infantil tem uma responsabilidade muito grande, porque, na maioria das vezes, o que falta na família precisa ser suprido pela escola. Em

relação à cognição, eu acredito que envolve a parte intelectual da criança, o desenvolvimento mental, que é exatamente você poder desenvolver essa parte do imaginário da criança, sua criatividade. E o ato motor, eu acredito que seja você poder estimular a criança de diferentes formas, a desenvolver seus movimentos, sua coordenação motora, sua lateralidade num determinado tempo e espaço. E em relação se esses campos são discutidos no curso de Pedagogia, eu acredito que o pouco que esses campos são discutidos ocorre de forma bastante isolada, e sendo assim vejo que essa temática deveria ser mais aprofundada no curso (Gardênia).

Vemos aqui a relevância do professor em formação ter contato com a teoria Walloniana durante a sua trajetória no curso de Pedagogia, pois o que a discente compreendia ser até então afetividade, correspondia a um entendimento do senso comum e após ter a oportunidade de conhecer um pouco sobre os pressupostos da teoria, ela passa a compreender de modo mais abrangente o que realmente seja essa discussão. Que vai muito além do que muitos pensam ser, como se referindo a um contato epidérmico, pelo qual o professor se relaciona com os seus educandos, apenas, por gestos de carinho, como abraçar ou beijar.

A criança precisa ser assistida todo o tempo e suas reações precisam ser completadas e interpretadas pelos adultos que lhe são próximos. Seus gestos, portanto, vão procurar intervenções úteis ou desejáveis do meio humano (DÉR, 2004, p.64).

Essa é uma compreensão que a discente Gardênia apresenta em sua fala, quando discorre que as vivências afetivas sejam elas positivas ou negativas, acarretam marcas na vida dos sujeitos, na medida em que se torna dever do professor compreendê-los de modo que suas ações diárias sejam traduzidas e trabalhadas de acordo com as necessidades particulares de cada educando.

Ainda na fala de Gardênia ela nos direciona para a responsabilidade que a escola tem no processo de desenvolvimento das crianças, na medida em que, em muitos casos, essas crianças vêm de famílias desestruturadas, sem uma base sólida, que não contribuem com o desenvolvimento dos seus filhos, sendo que estes precisam de atenção, carinho e limites para que seu desenvolvimento ocorra de forma eficaz, e sendo assim, toda essa

responsabilidade de desenvolver uma educação que abarque tanto os aspectos cognitivos, quanto emocionais da criança, recai sobre a escola e, principalmente, sobre o professor, na medida em que cabe a ele suprir as carências do ambiente familiar dessas crianças. A escola por ser um lugar de aprendizado para a vida necessita compreender a sua função social na formação dos educandos, e o bom professor é aquele que olha para si e compreende que

[...] como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem os educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, por que professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 1996, p.141).

A teoria Walloniana nos possibilita compreender que uma boa relação no processo de ensino-aprendizagem entre os agentes envolvidos, seja entre professor-aluno e/ou aluno-aluno, é de suma relevância, pois, isso influi na construção do conhecimento, na medida em que Wallon (1973/1975) afirma que a afetividade é uma forma de impulso para a aquisição da inteligência, no processo de desenvolvimento intelectual do sujeito.

Outro aspecto a ser discutido que está presente na fala de Gardênia, é no que diz respeito ao ato motor, em que ela nos relata que acredita referir-se aos movimentos da criança, que necessita ser desenvolvido pelo professor, bem como a sua coordenação motora e lateralidade, que são aspectos a serem compreendidos por este, seguido pela busca de maneiras de trabalhá-los, de modo a acarretar em contribuições significativas para o desenvolvimento dos seus educandos, na medida em que estes são desenvolvidos em determinado tempo e espaço, pois

[...] A dimensão motora está baseada na compreensão de que essa dimensão desenvolve-se de forma integrada às demais dimensões da pessoa. Isso implica, entre outras conseqüências, que é necessário a nós, professores (as), ter conhecimentos que nos possibilitem entender os processos de

desenvolvimento humano, uma vez que, para organizarmos nossa prática pedagógica, é fundamental conhecermos nosso aluno (LIMONGELLI, 2004, p.48).

É através do conhecimento das particularidades do desenvolvimento dos educandos que deveria se conceber a prática docente, pela qual o professor deveria elaborar a sua práxis, mediante o que ele compreende acerca do que seja primordial na vida destes, por meio de um olhar mais aguçado em relação às ações e reações desses sujeitos, sejam elas emocionais, motoras ou cognitivas, que dão sentido ao processo de aprendizagem.

Já a nossa última entrevistada em relação ao seu entendimento dos três conjuntos funcionais, nos responde que,

Afetividade seria o fato do professor tá considerando o aluno como um todo e tentar desenvolver as particularidades dos seus educandos, de modo a trabalhar a partir da existência de uma boa relação, visando atingir os objetivos pensados para o processo de ensino-aprendizagem. A cognição eu acredito que seja o desenvolvimento intelectual da criança que pode ser trabalhado de diversas maneiras. E ato motor é a questão da motricidade, do desenvolvimento motor da criança, que deve ser trabalhada pelo professor desde cedo, desde a educação infantil, no qual o professor auxilia a criança a se movimentar, e a se desenvolver em determinado tempo e espaço. E em relação se esses campos são discutidos no curso de Pedagogia, eu acredito que até são, mas de uma forma bem resumida e fragmentada, eu acredito que poderia ter a existência de uma disciplina no curso de Pedagogia que abarcasse enfaticamente essa discussão, seria algo que acarretaria em grandes contribuições para a formação do Pedagogo (Hortênsia).

Um aspecto relevante acerca do conhecimento do conjunto cognitivo compreendido por Hortênsia é o fato de que o professor pode trabalhá-lo e desenvolvê-lo de diversas maneiras, no qual vemos aqui a necessidade deste ter conhecimento acerca desse conjunto funcional, principalmente se tratando da educação infantil, etapa em que as crianças estão construindo suas primeiras concepções do que seja o conhecimento. Em relação a esse conjunto Amaral (2004, p. 77) nos diz que “[...] os processos cognitivos intervêm na aquisição e no uso da linguagem, na memória, na capacidade de prestar atenção, na imaginação, na aprendizagem, na solução de problemas”.

A discente demonstra em sua fala a necessidade e relevância da teoria Walloniana ser estudada no curso de Pedagogia, na medida em que nos trás a possibilidade desta vir como forma de disciplina no curso, o que seria algo de grande contribuição para a formação do professor, pois para esse futuro agente formador, ter esse contato mais aproximado com a teoria Walloniana, iria lhe engrandecer em diferentes aspectos, sendo que este, provavelmente, passaria a compreender o processo de desenvolvimento das crianças sob uma perspectiva mais integradora e sensibilizado para com o desenvolvimento das demais potencialidades destes.

Nas falas das entrevistadas, pudemos perceber que o entendimento acerca dos conjuntos funcionais – *afetividade, cognição e ato motor* -, ocorre ainda de forma carente e limitada, porém, as que tiveram contato mesmo que sucinto com esta, demonstram facilidade em falar sobre o assunto, de modo não tão relacionado ao que o senso comum compreende acerca destes. No entanto, vemos a necessidade de um estudo mais detalhado dessa teoria para melhor compreensão das discentes em formação acerca desses campos, que perpassam o processo de desenvolvimento das crianças.

Em relação a se esses campos são discutidos no curso de Pedagogia, todas as entrevistadas nos mostram que o campo mais discutido é o campo da cognição, na medida em que o da afetividade e ato motor se apresentam de forma menos preponderante nas discussões propostas pelas disciplinas do curso, e quando são vistos, acabam sendo discutidos de forma bastante fragmentada e sem nexos com os demais, o que tende a confundir os discentes e não vão ao encontro do que a teoria Walloniana propõe, quando ressalta que estes devem ser compreendidos de forma integral.

Em um último questionamento, perguntamos as entrevistadas como elas compreendem a relação dos conjuntos funcionais – *afetividade, cognição e ato motor* -, com o processo de ensinar e aprender. Uma delas nos responde que

Primeiro a afetividade eu acho que é fundamental, porque assim, no que se refere à criança, não é só essa questão de abraçar, beijar, eu acho que o professor tendo uma relação mais afetiva com os seus alunos, no qual haja atenção e demonstração de interesse com a aprendizagem das crianças, eu acho que isso é fundamental. Como a minha própria experiência de escolha do curso, que se deu porque de alguma



forma eu fui afetada por aquelas professoras, que seja positiva ou negativamente. Então acredito que o professor deve ser aquele que haja de forma séria, mas que reconheça e dê valor a importância das relações. A cognição é importante porque é a partir dela que o aluno começa a formar seus primeiros conceitos, seus primeiros aprendizados. Então acho que são processos indissociáveis. Acredito que os campos funcionam em conjunto, é uma relação conjunta, e um depende do outro (Açucena).

A discente demonstra segurança quando fala dos conjuntos funcionais, e salienta que todos são fundamentais a serem desenvolvidos pelo professor, na medida em que compreende ser uma contribuição da afetividade presente nas relações entre professor-aluno, o fato dela agir como mola propulsora a aprendizagem, seja a afetividade vivida de forma agradável ou desagradável. Ela nos deixa claro que o professor ao demonstrar interesse pela aprendizagem do educando, isto influencia diretamente nos resultados desse processo.

As diferenças de motivação e de afetividade, por parte do professor, podem justificar as alterações de desempenho discente, da mesma forma que todos os momentos de relacionamento ou de interação, no ambiente escolar, determinam comportamentos (SIMKA; MENEGUETTI, 2010, p.104).

Vemos de forma clara a íntima relação entre afeto e cognição quando a Açucena nos exemplifica no seu relato em nosso primeiro questionamento, acerca de uma experiência própria vivida durante a educação básica, que lhe deu ânimo e motivação para ingressar no curso de Pedagogia, sendo que este estímulo veio tanto a partir da vivência agradável com uma das professoras relatadas, quanto da relação que lhe causou sensações desagradáveis com a outra professora, o que requer de nós, que compreendamos que a afetividade como a própria teoria Walloniana nos mostra, está incumbida de sermos afetados interna e externamente, por sensações agradáveis e desagradáveis que darão sentido as nossas ações. A outra discente em relação a essa discussão nos responde que,

Eu acredito que os três são de extrema importância para a aprendizagem das crianças. Quando você trabalha a emoção, por exemplo, faz toda a diferença, porque ao você observar a criança de uma outra maneira, você sabe se ela tá aprendendo, se ela tá conseguindo se desenvolver, se ela tá com problemas e se tá conseguindo alcançar o que é proposto. Você tendo um olhar mais afetivo, de procurar entender o outro como um todo, vai fazer toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem. E eu vejo assim, que tanto a cognição, quanto o ato motor, juntamente com a afetividade, contribui para essa aprendizagem mais rica e que mudará a visão da criança sobre o processo de ensino-aprendizagem (Amarílis).

Um ponto de grande relevância que é retratado na fala de Amarílis é o fator emoção presente no processo de ensino-aprendizagem, o qual tantas vezes acaba sendo mal interpretado pelo professor, justamente por uma falta de compreensão acerca desse aspecto, ou mesmo por uma ausência de interesse por um desenvolvimento do sujeito que vá além de um trabalho em torno da sua dimensão cognitiva. A emoção “[...] é um estado afetivo, comportando sensações de bem-estar e mal-estar que têm um começo preciso, é ligado a um objeto específico e de duração relativamente breve e inclui ativação orgânica” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.19).

Segundo Almeida (2005) para a teoria Walloniana a afetividade é proveniente da existência das emoções, na medida em que esta diz respeito às atividades tônicas posturais dos sujeitos, sendo que perpassam desde os primeiros meses de vida do bebê, até os últimos de sua existência. As emoções estão presentes em todas as relações que estabelecemos com o nosso entorno, para a psicogenética Walloniana ‘o outro’ tem um papel imprescindível no desenvolvimento humano, e faz parte até de uma questão de sobrevivência, pois este é agente ativo da interação necessária do bebê com o mundo que o cerca. As influências decorrentes da interação com o outro, é que dá origem e sentido a vida psíquica do ser humano.

Ainda dando ênfase a discussão da relação dos conjuntos funcionais com o processo de ensino-aprendizagem, uma última entrevistada que se segue, nos mostra uma compreensão similar ao relato de Açucena, quando ela nos responde que o discente ao perceber que o professor se preocupa com o seu processo de aprendizagem, passa a se sentir motivado e parte integrante

do seu próprio desenvolvimento e daquele espaço em que se encontra inserida.

Bom, eu acredito que o desenvolvimento desses campos tem total relação com uma boa aprendizagem, pois, quando a criança é realmente acompanhada por um profissional capacitado mesmo, que compreenda esses campos, é fundamental, porque a partir do momento que você ver a criança na sua integração, você passa a trabalhar com ela visualizando ambos os campos funcionais, e acredito que você passa a fazer um trabalho de maior qualidade, suprimindo as necessidades da criança, sem trabalhar de maneira fragmentada e como se fosse dividida em partes. Você vai trabalhar a criança e tudo que a envolve. E assim, eu acredito que a partir do momento que a criança percebe que o professor tem compromisso com o seu trabalho e se preocupa com o processo de desenvolvimento da aprendizagem dos seus educandos de forma integral, ela se sente mais pertencente naquele espaço, de modo que se sente mais a vontade para trabalhar de forma coletiva, e de tantas formas diferentes (Gardênia).

A entrevistada afirma a necessidade de uma boa formação dos professores para lidarem com a demanda da sociedade em que estamos inseridos, na medida em que isso requer desses profissionais, muita pesquisa, estudo e dedicação para com o que se propuseram a trabalhar. O entendimento acerca da integração dos três conjuntos funcionais é visto pela discente como de grande relevância para o desenvolvimento do sujeito que se deseja formar, e que compreendê-los de forma separada, daria a entender que o desenvolvimento destes acontece de forma fragmentada e sabemos que esse desenvolvimento acontece de forma integral e mútua, na qual em determinadas fases há a preponderância de um ou mais conjuntos funcionais, o que não quer dizer que os demais conjuntos não se encontram presentes, mas apenas estão de forma menos preponderada.

As respostas das discentes entrevistadas, nessa pergunta, nos fazem compreender que estas demonstram consciência acerca da necessidade do professor perceber o desenvolvimento humano de forma integral, o que poderá acarretar em contribuições para o sujeito que ele deseja formar, bem como para a qualidade educativa do seu trabalho. Todas enfatizaram que a afetividade, a cognição e o ato motor estão intimamente ligados entre si, por

isso são indissociáveis ao desenvolvimento humano e que o entendimento destes dão sentido e qualidade aos resultados que se desejam alcançar no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos. O professor diante dessa realidade,

[...] desempenha para o aluno o papel de mediador entre ele e o conhecimento, essa mediação é tanto afetiva como cognitiva. Portanto, ao professor compete canalizar a afetividade para produzir conhecimento; na relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-grupo, reconhecer o clima afetivo e aproveitá-lo na rotina diária da sala de aula para provocar o interesse do aluno (ALMEIDA, 2004, p.126).

A autora nos aponta que a afetividade deve ser vista pelo professor como uma forma de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que este ao promover espaços para o desenvolvimento integral dos seus educandos possibilita, também, um trabalho centrado no que diz respeito ao campo da cognição, uma formação motora e afetiva, pois este deve agir enquanto agente que tem o dever de potencializar as habilidades e competências destes e reconhecer que a afetividade como Wallon (1941/2007) nos possibilita compreender, deve ser concebida como elemento que impulsiona o desenvolvimento da cognição dos sujeitos.

### 3.2 Experiências agradáveis e desagradáveis segundo estudantes do Curso de Pedagogia.

[...] hoje, mais do que nunca, professores e alunos querem ser ouvidos, compreendidos, considerados – querem uma relação de pessoa para pessoa.

(Almeida; Placco, 2002).

Em outro momento da nossa coleta de dados, após a realização da entrevista semiestruturada, propomos a escrita de uma carta que foi destinada para cada uma das quatro participantes da pesquisa, compondo uma pergunta central acerca do nosso tema de investigação. Foi ressaltado ao longo da carta

conhecida como escrita epistolar<sup>11</sup>, o nosso interesse em estudar e pesquisar tal temática, na qual, também, solicitamos das participantes que discorressem acerca do sentimento em relação ao recebimento da correspondência; logo após que respondessem o que compreendem em relação à afetividade, apontando experiências agradáveis e/ou desagradáveis vivenciadas em sala de aula que representam tal entendimento acerca do assunto.

A discente que se segue demonstrou ansiedade e surpresa ao receber a correspondência que lhe foi encaminhada, após a realização da entrevista nos diz que

[...] como me considero uma pessoa bastante emotiva, receber sua carta sem dúvidas me causa satisfação. Primeiro porque me sinto grata por você depositar em mim tal confiança em responder sua pergunta. Em segundo, fico ansiosa se de fato vou corresponder as suas expectativas (Açucena).

Podemos perceber antes mesmo da sua resposta que a preponderância na sua escrita é a ansiedade de responder com êxito e prontidão o encaminhamento que lhe foi confiado, na medida em que expõe grande expectativa em contribuir com a pesquisa em questão. Açucena em relação ao que compreende sobre afetividade nos relata que se trata de uma “[...] maneira de você expor seus sentimentos, ou seja, é a forma pelo qual os indivíduos expressam seu carinho, dedicação, é o meio em que se estabelece uma relação entre os sujeitos [...]”. Ela nos trás a compreensão da afetividade como elemento primordial nas relações que são estabelecidas pelos sujeitos, ao ponto que nos relata que esta diz respeito aos momentos em que nos expressamos diante do outro.

Após relatar a sua compreensão sobre a afetividade a discente nos trás experiências agradáveis e desagradáveis vivenciadas ao longo da educação básica, trazendo-nos dois relatos com duas professoras diferentes: um que considera agradável e que a teria influenciado de forma positiva no seu processo de aquisição do conhecimento e a outra que a teria afetado de forma

---

<sup>11</sup> Neste gênero, entramos em contato com experiências vivenciadas pelas estudantes do Curso de Pedagogia da UAE/CFP/UFCG, *campus* de Cajazeiras/PB, levando em consideração seu contexto enquanto estudantes de diferentes escolas. Essa prática *epistolar* nos remete a escrita de cartas pessoais que nos auxiliaram no entendimento da pergunta central da pesquisa, a partir das histórias de vida, das experiências e dos relatos pessoais.

negativa, na medida em que a fez se sentir inferior e desacreditada em relação ao desenvolvimento das suas potencialidades e assim nos especifica,

Um dos fatos mais marcantes foi no ensino fundamental, isto por duas professoras que desempenharam um papel importante no meu desempenho e desenvolvimento na aprendizagem. A primeira professora atuou de forma desagradável porque a mesma falava que eu tinha preguiça e não iria aprender e às vezes fazia me sentir inferior e excluída aos demais alunos, fazendo-me acreditar que nunca poderia aprender. Já a segunda professora agiu de forma contrária, esta marcou minha vida estudantil de modo agradável, pois me incentivava e dizia que para se aprender é uma questão de tempo, demonstrando atenção e dedicação de forma semelhante a todos os alunos. Isto foi de grande significância para mim, pois passei a ter mais interesse e confiança em mim mesma (Açucena).

Podemos analisar que Açucena demonstra desapontamento com a primeira professora do relato acima, pois esta não buscou estabelecer vínculos de cuidado, de confiança e de estímulos com a discente, na medida em que a todo o momento a inferiorizava com frases desestimulantes, o que a fazia se sentir excluída mediante as atividades realizadas em sala de aula.

É possível afirmarmos que esse tipo de comportamento por parte de professores é comum nas escolas do nosso país, ao ponto que este tende a ser um dos fatores predominantes que levam ao fracasso escolar de crianças em diferentes faixas etárias e níveis de desenvolvimento, basta assistirmos os telejornais ou lermos alguma matéria que fale sobre a criança na escola que saberemos que um dos aspectos que a faz desistir da instituição é a dificuldade que professores e educandos encontram em manifestar uma boa relação. Porém, o que sabemos é que nesses casos, a criança é considerada única culpada por seu fracasso e o professor, muitas vezes, sai isento dessa situação.

Vemos a diferença do sentimento de Açucena, na medida em que discorre com alegria e entusiasmo, na sua carta, quando fala da segunda professora, ao ponto que ela nos relata a confiança e estímulo que esta professora lhe transmitia durante o seu processo de aquisição do conhecimento. Açucena considera que esta professora lhe afetou de forma agradável e, portanto, influenciou de forma positiva no seu desenvolvimento, ao

fazê-la adquirir maior interesse diante da sua aprendizagem e uma significativa autoconfiança que a fez se tornar protagonista desse processo, pois

Quando se estabelecem relações de confiança na sala de aula, o aluno se sentirá mais à vontade para expressar suas reflexões, dúvidas, descobertas, participações e assim, construir seu processo de aquisição do conhecimento. Por outro lado, a relação problemática pode gerar sentimentos de insegurança, dúvida, medo e hostilidade com relação ao professor e aos colegas, se ele não perceber cumplicidade e respeito à sua participação, iniciativa, respostas e erros (LIMA, 2000, p. 222).

O estímulo, a confiança e a dedicação na educação de crianças são instrumentos primordiais para os objetivos que se desejam alcançar, pois, é através desses aspectos vivenciados na interação que a criança se sentirá sujeito importante e responsável pela sua aprendizagem, na medida em que compreende que está sendo acompanhada por um profissional que se preocupa com o desenvolvimento das suas potencialidades.

Diante disso, sabemos que o professor está a todo o momento sendo observado pelos seus educandos e necessita estar atento para as influências que pode causar no trajeto desses sujeitos, pois, essas influências deixarão marcas sejam elas positivas ou negativas na vida desses seres em fase de desenvolvimento, como deixaram na vida escolar de Açucena e, portanto, precisam ser bem vistas e administradas pelo professor da melhor forma possível.

A segunda discente nos diz que ter a oportunidade de escrever a carta, foi de grande relevância para ela e nos trás a necessidade de estudos e pesquisas acerca da temática em foco, ela nos diz que “[...] foi de extrema importância a escrita da carta para mim, o assunto em questão é algo que merece destaque, e com certeza precisamos trabalhar a afetividade nos mais diversos campos [...]” (Amarílis). No que diz respeito a temática central da nossa pesquisa ela diz que a afetividade

[...] é algo sigiloso e íntimo que o ser humano tem em conhecer o outro, saber o que o outro sente ou não em determinados momentos de suas vidas, sejam bons ou ruins, alegrias e tristezas, seja por meio do diálogo, ou até mesmo ao sentir compaixão dos sentimentos das pessoas, enfim, é você está

perto no sentido em ajudar o colega, observando as variadas situações que acontecem ao nosso redor, é se abrir para o outro (Amarílis).

Amarílis nos trás um entendimento de afetividade que diz respeito às relações que estabelecemos com o nosso meio, na medida em que compreende que esta seja a necessidade de nos colocarmos no lugar do outro, como uma forma de empatia com os nossos pares, e se tratando do professor, este precisa estar atento a todas as formas de expressão dos seus educandos, tanto aos estados de bem-estar quanto de mal-estar destes, pois, é a partir dessas expressões que conseguiremos compreendê-los para além do seu desenvolvimento cognitivo. Amarílis nos mostra um entendimento, mesmo que inicial, do que seja a afetividade, quando nos aponta que ela se refere ao fato de você compreender o que o outro sente, seja este sentimento bom ou ruim, que é justamente o que Wallon (1941/2007) nos faz entender, essa afetividade que abarca os estados agradáveis vividos pelos sujeitos, mas também, as suas vivências desagradáveis, tudo está relacionado ao nosso estar no mundo sendo afetados e afetando as relações.

Ao nos trazer algumas vivências afetivas agradáveis e desagradáveis, a discente recorda de duas professoras: uma do 4º e a outra do 5º ano que lhe afetaram de forma negativa e positiva respectivamente. Assim diz que

As recordações de minha professora do 4º ano não são as melhores, pois, tinha dias que ficava apreensiva em falar com ela, a mesma tem um temperamento forte e o seu mau humor contaminava a todos, as aulas eram horríveis, quando víamos ela chegando já ficávamos com medo de sermos punidos por não esperarmos sentados na sala de aula quietos a sua espera. Tenho isso como algo desagradável e marcante. [...] a minha educadora do 5º ano que foi fundamental para mim, me apoiando nos momentos difíceis e tudo mais, gostava de conversar com ela me sentia segura para falar sobre os variados assuntos, era algo maravilhoso quando chegava à escola, a mesma demonstrava motivação e interesse nos conteúdos ministrados, falávamos de uma forma aberta a respeito da vida de uma forma geral (Amarílis).

Em relação à primeira professora que lhe ensinou no 4º ano do Ensino Fundamental, Amarílis nos relata que não tem boas recordações, pois esta nunca buscou estabelecer uma relação mais próxima com os seus educandos,



sendo vista, na maioria das vezes, como mau humorada e causando medo nas crianças. Essa realidade vivida em sala de aula é um aspecto que merece atenção especial por parte dos professores, na medida em que o medo limita o processo de desenvolvimento das crianças e isso está presente nas salas de aula de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especificamente, mas podemos citar, também, que na própria Universidade esse medo acompanha os discentes de modo que desfavorece o processo de ensino-aprendizagem entre adultos.

O medo continua sendo um dos fortes aliados do professor que não mantém um bom relacionamento com seus educandos em sala de aula de diferentes instituições. Neste caso, o professor impõe seu autoritarismo; o educando, por sua vez se sente inferior e ameaçado pelo professor e sua forma de ver o processo de ensino-aprendizagem. Isso tudo tende a fazer com que ele veja a escola como local de menos interesse por várias razões, pois

O medo pode ser verificado em situações novas ou parcialmente novas para as crianças. A criança pode sentir medo numa simples mistura de coisas ou situações que lhe sejam familiares ou desconhecidas. O medo na criança pode ser provocado, por exemplo, pela mescla do objeto conhecido com uma situação completamente estranha para ela (ALMEIDA, 2005, p.97).

O contato constante com o medo na sala de aula pode limitar o desenvolvimento das potencialidades do educando, na medida em que este experiencia, cotidianamente, novas vivências, que lhe são estranhas e necessitam ser trabalhadas com um olhar atento e cuidadoso por parte do professor, pois é a partir de situações cada vez mais freqüentes de desconforto e medo no ambiente escolar, que a criança se distanciará conseqüentemente dos resultados que se esperam no seu processo de aprendizagem.

É necessário o entendimento por parte do professor e dos demais agentes envolvidos nesse processo, das etapas de desenvolvimento da criança e das particularidades que a compõe, pois a partir dessa compreensão, este poderá refletir acerca de como pode desenvolver um trabalho significativo de acordo com cada fase em que a criança se encontra, podendo, assim,

acompanhar de modo eficaz todo o processo de formação cognitiva, motora, afetiva e social dos seus discentes.

Já em relação a sua professora do 5º ano do Ensino Fundamental, Amarílis nos relata que esta foi de grande valia para a pessoa que ela se tornou hoje, pois a professora sempre buscou nas suas aulas possibilitar um diálogo aberto entre professor-aluno, ao ponto que demonstrava confiança e dedicação nas atividades que eram realizadas no dia-a-dia da sala de aula. Em relação a isso Gadotti (1991, p. 69) diz que “[...] o diálogo é uma exigência que possibilita a comunicação” e “para pôr em prática o diálogo, o educador deve colocar-se na posição humilde de quem não sabe tudo”.

O apoio e o estímulo aqui também são vistos como peças imprescindíveis no relacionamento em sala de aula, pois o professor deposita no educando uma carga de motivação e abre espaço para um diálogo contínuo e significativo para ambos. Ao se sentir segura para falar com a professora, Amarílis participava das aulas de forma mais leve e nesse ínterim, o medo não existia, como quando cursou o 4º ano do Ensino Fundamental, aqui ela se sentia realizada ao fazer parte de um ambiente educativo que favorecia a sua formação enquanto sujeito integral.

Outra discente nos responde acerca dos seus sentimentos ao recebimento da carta, ela nos diz:

[...] fiquei muito surpresa e curiosa ao mesmo tempo, e no momento que recebi a carta pensei ‘que diferente e inovador uma proposta que se diferencia das demais dos modelos de pesquisas’ e, principalmente, por está relacionado a uma temática tão relevante e que ainda é pouco discutida durante o processo de formação do professor [...] (Hortênsia).

Hortênsia nos relata o entusiasmo e curiosidade que sentiu ao ser convidada para participar da nossa pesquisa e o quanto se sentiu interessada e instigada com o encaminhamento que lhe foi feito após a realização da entrevista, no que se refere à escrita da carta, que ela acredita ser bem diferente dos instrumentos utilizados pela maioria dos pesquisadores.

Vimos que existe a necessidade dessa temática ser discutida de forma mais aprofundada nos cursos de formação de professores, ao ponto que há uma carência dessas discussões em meio a gama de outros conhecimentos

que precisam ser articulados ao longo da Graduação em Pedagogia, mais especificamente, pois à medida que discutimos a afetividade percebemos que não é só o entendimento do processo cognitivo que faz com que o educando aprenda, mas também o afetivo e o motor e essa compreensão faz com que entendamos a sala de aula, a partir de outro olhar e se não obtivermos essa discussão teórica no curso chegaremos à escola, enquanto professores da Educação Infantil e Anos Iniciais, sem sabermos relacionar a aprendizagem da criança com seu desenvolvimento integral. Ao dar continuidade à escrita da sua carta Hortênsia discorre sobre o seu entendimento acerca do que seja afetividade, que segundo ela

[...] é toda ação que possa atingir o outro, a afetividade vai bem mais além que a relação de carinho afetivo, mas sim se trata de atitudes que provoquem o sujeito seja de forma positiva ou negativa [...].

Hortênsia nos relata que a afetividade é uma forma de afetar o outro de forma negativa ou positiva nas diversas vivências dos sujeitos, pois em se tratando de relações é necessário que compreendamos que como relata Antunes (2003, p. 9) “[...] cada pessoa é, e sempre será um verdadeiro universo de individualidade; suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem paradigma único” e, portanto, necessitam ser acompanhados por profissionais que os compreendam na sua integração.

De acordo com Hortênsia a afetividade não se trata, apenas, dos gestos de carinho e afeto, pois, ela perpassa, também, as marcas negativas que os sujeitos podem deixar na vida de outrem, por meio de atitudes que despertam a desmotivação, o medo ou qualquer outro tipo de sentimento que limita o desenvolvimento dos sujeitos. Ainda em relação a isso ela nos relata que “[...] mesmo que seja através de uma atitude que possa parecer rígida, o professor pode estar instigando a criança [...] de maneira positiva, contribuindo assim para a formação do educando” (Hortênsia). O professor em meio a essa realidade

[...] precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de

criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola (SALTINI, 2008, p.63).

A autora enfatiza o que vimos apontando até aqui, que é a necessidade do professor estabelecer, juntamente ao trabalho que é desenvolvido em sala de aula, relações agradáveis com os seus educandos, para obter um bom resultado no que se deseja alcançar, pois a formação de todo e qualquer sujeito está imersa em necessidades particulares, desejos, emoções, sentimentos, que precisam ser vistos e trabalhados pelos profissionais da educação e isso só será possível, através do conhecimento desses profissionais acerca das singularidades que compõe o desenvolvimento de cada sujeito.

Hortênsia nos trás, ainda, um depoimento de uma vivência que considera tê-la afetado de forma positiva ao longo da sua formação na educação básica, mas especificamente com uma professora de um determinado ano do ensino fundamental, ela nos diz que

[...] as experiências que vivenciei com ela, hoje me fizeram refletir, sobre as suas aulas, destacando que a mesma sabia chegar em seus alunos, utilizando de um bom contato até mesmo na hora de lhe chamar atenção para algo, ela abordava de maneira que você se sentia motivado a mostrar que podia fazer melhor, e jamais fazia com que os alunos se sentissem desmotivados, ela sempre conseguia que eu acreditasse em mim mesma, tendo a certeza de que era capaz de fazer melhor ou de conseguir atingir algum objetivo. Foi sem dúvidas uma professora que me afetou positivamente, e é através de experiências como essa que percebo o quanto a afetividade influencia no desenvolvimento da criança (Hortênsia).

Ela nos ressalta a influência que a existência de um bom relacionamento entre professor-aluno na sala de aula, pode causar no processo tanto de ensino por parte do professor, quanto de aprendizagem por parte do educando, na medida em que estes dialogam de modo menos hierarquizado, o que reflete nos resultados que são, inicialmente, esperados.

A afetividade vista sob esse prisma, nos faz compreender a relevância da motivação na sala de aula, pois, a partir do momento que o professor busca atingir os seus objetivos, de modo que o educando se sinta parte integrante

desse processo, ele terá consigo uma forma de otimizar o tempo que tem disponível para o seu trabalho, bem como os resultados que são almejados.

O que podemos perceber na fala de Hortênsia, quando ela nos diz que a professora mesmo quando necessitava falar de modo mais autoritário com os educandos, não deixava de lado a sua forma positiva de demonstrar afeto, porque na verdade, essa situação tende a ser, também, uma forma de afetividade, ao ponto que Hortênsia se sentia motivada para com as suas atividades mediante a maneira que era chamada atenção por sua professora.

Compreendemos a partir do relato de Hortênsia, que o que muda no que diz respeito às relações que são estabelecidas dentro da sala de aula entre professor-aluno, é o modo como o professor compreende e os enxerga em meio ao seu processo de formação, pois, quando este se mostra interessado para com o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo da criança, percebemos que tudo flui com maior naturalidade, pois ambos detêm objetivos diante do processo de ensino-aprendizagem que merecem ser respeitados.

Segundo Tognetta (2004), a dimensão afetiva está imersa na vida de todo e qualquer ser humano, e no que se refere à educação, não estamos falando aqui, apenas, da necessidade dos professores de educação infantil que lidam com crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de trabalharem este campo, mas sim dos professores de todos os níveis de ensino, pois a afetividade é inerente ao ser humano e precisa ser trabalhada e ganhar seu devido lugar de importância no processo de ensinar e aprender, seja na educação básica, seja no ensino superior.

Ainda em relação à escrita da carta e ao convite para participação da nossa pesquisa, temos o relato de uma última participante que nos diz que sentiu grande satisfação ao ser convidada para participar da referida pesquisa, na medida em que considera que a temática é de grande relevância a ser estudada nos cursos de formação de professores, e nos diz que

De fato foi uma grande surpresa quando me deparei com o convite e com o conhecimento dos instrumentos para efetivação do seu trabalho [...], principalmente porque me fez refletir ainda mais sobre toda essa trajetória acadêmica e o quanto ainda se tem a progredir nos estudos em relação a sua temática no curso de Pedagogia, pois o assunto é bastante

relevante para a melhor capacitação/qualificação do profissional docente (Gardênia).

Gardênia ressalta que o estudo da teoria Walloniana nos cursos de formação de professores, daria a este profissional uma melhor qualificação mediante o cenário educacional que ele estará inserido ao ingressar no mercado de trabalho, pois sabemos que a compreensão por parte do professor de que o desenvolvimento dos sujeitos se dá de forma integral, possibilitará a este desenvolver um trabalho mais significativo, e que abarque uma contínua prática, que vise dar protagonismo e visibilidade ao desenvolvimento das potencialidades dos seus educandos, sendo elas cognitivas, motoras e afetivas. Em relação ao seu entendimento do conceito de afetividade, ela nos relata que

[...] a afetividade está relacionada a afetar alguém, seja positivamente ou negativamente. Tendo em vista a prática docente, esse é um fator muito importante, pois pode tanto impulsionar o desenvolvimento da aprendizagem da criança ou pode, puro e simplesmente, gerar um bloqueio no seu desenvolvimento (Gardênia).

Vemos que Gardênia também tem o mesmo entendimento das discentes analisadas anteriormente acerca do conceito de afetividade, quando esta nos diz que refere-se ao ato de afetar de forma negativa ou positiva as pessoas que convivemos. E nos relata, também, sobre as marcas que essas vivências afetivas, sejam elas agradáveis ou não, podem deixar ao longo da nossa formação acadêmica/humana. Essas vivências podem deixar tanto marcas de superação, de alcance do que se é almejado, quanto marcas de desestímulo, de medo, como a própria discente nos relata, marcas que acabam ocasionando certo bloqueio diante do desenvolvimento dos sujeitos. Notamos isso claramente quando ela nos relata uma experiência afetiva desagradável vivenciada durante a graduação em Pedagogia e diz

Eu estava passando por um momento delicado na família, mas isso pouco importou à professora. Meu desempenho no trabalho de dramatização exigido por ela não foi tão bom, admito, mas isso não lhe dava o direito de me humilhar diante dos demais colegas de sala. Até hoje não superei esse

'trauma'. Fale em tudo, menos em uma dramatização, eu não consigo fazer, pois a lembrança da humilhação gerou um enorme bloqueio. Imagine se isso ocorre com uma criança (Gardênia).

Está explícito, no depoimento de Gardênia, o bloqueio emocional que ela carrega consigo no que se refere ao trabalho com dramatização e isto se deve a forma como a professora se posicionou mediante o estado da discente nesse dia. Vemos a realidade de que esse tipo de situação, não acontece, apenas, na educação básica, mas sim em qualquer nível de ensino, em qualquer local que estejamos lidando com pessoas, que necessitam serem compreendidas na sua integração, no que se refere aos aspectos emocionais, aos seus sentimentos mediante tantas situações que se fazem presentes no nosso dia-a-dia.

O trauma que Gardênia interiorizou, poderia ter sido evitado, se tivesse ocorrido um olhar atento por parte da professora mediante os problemas que ela enfrentava em seu ambiente familiar e que a fez não obter êxito no que era esperado para a referida aula. É possível afirmarmos a necessidade do professor conhecer o mínimo dos seus educandos, mas isso só será viável mediante o diálogo e a aproximação, pois estes componentes da relação professor-aluno é que vão fazer com que a atenção, o cuidado, mas também o reconhecimento das limitações sejam trabalhadas de modo que não substitua a sua autoridade e o que espera do processo ensino-aprendizagem.

Vemos então, nessa experiência vivenciada por Gardênia a falta de importância que foi dada por esta professora, ao contexto que envolve o desenvolvimento da aluna, ao ponto que não buscou se sensibilizar para com as limitações desta mediante a atividade proposta em um determinado dia de aula. Esse modelo de professor/a ultrapassa o nível de ensino, pois existem desde a pré-escola até o ensino superior, favorecendo grandes desistências do ambiente educacional e oportunizando grandes embates com relação à auto-estima e a capacidade de aprender. Podemos enfatizar que

O professor autoritário, o professor silencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p 73).

Ao final da análise das cartas escritas pelas participantes da pesquisa, reforçamos o nosso entendimento de que a afetividade perpassa uma série de aspectos que vão desde a vivência com sensações agradáveis, quanto desagradáveis durante a nossa trajetória de vida estudantil/profissional/pessoal. E nesse ínterim, as vivências que são experienciadas ao longo desse processo, deixarão marcas para toda a vida do sujeito, sejam elas positivas ou negativas, e sabendo disso, o professor necessita estar atento as marcas que almeja deixar na formação dos seus educandos e isto se inicia quando este reflete acerca de que sujeito deseja formar em meio a atual sociedade em que vivemos.

Desse modo podemos sintetizar cada participante dessa pesquisa a partir da necessidade de Cursar uma graduação e suas reais condições. Pudemos perceber na fala da entrevistada Açucena as diferentes motivações que a fizeram escolher cursar Pedagogia, dentre elas o fato de ter sido influenciada pelo estímulo de uma professora quando cursava a educação básica, e pelo próprio interesse que ela tinha em estudar e pesquisar os conhecimentos que permeiam a área da educação. Açucena nos mostrou o crescimento do seu entusiasmo cada dia mais dentro do curso de Pedagogia, na medida em que almeja ser uma profissional que como a nossa própria temática propõe, compreenda os seus educandos na sua integração, como sujeitos que não se desenvolvem, apenas, cognitivamente, mas sim e, principalmente, sujeitos que necessitam de uma visibilidade maior no que diz respeito aos seus sentimentos, emoções, enfim, a sua formação enquanto pessoa, compreendendo-os a partir disso na sua integração e de forma não fragmentada.

De acordo com Amarílis, o seu ingresso ao curso de Pedagogia não era algo que ela já almejava desde cedo, como muitos relatam, pois até muito tempo da sua vida ela tinha o interesse de cursar Medicina Veterinária, só que com o passar do tempo percebeu que tinha outros interesses para sua formação. E foi aí que quando cursava o ensino médio percebeu que o que realmente queria fazer era Pedagogia, por uma curiosidade que ela tinha em estudar os pressupostos que norteiam a educação e talvez, também, pelo seu



interesse por trabalhar com crianças, e hoje ela se encontra com um bom desempenho no curso e almeja se tornar uma profissional comprometida e que esteja a cada dia se aperfeiçoando, para que venha a ser uma professora que deixe marcas positivas na vida pessoal/estudantil dos seus futuros educandos.

Gardênia não teve como primeira opção ingressar no curso de Pedagogia, pois, até então gostaria de cursar Psicologia, porém não tinha esse curso ofertado na localidade que reside, desse modo sua segunda opção foi o curso de Pedagogia, o qual ela encontrou maior identificação se comparado aos demais cursos disponibilizados. Ela demonstra que ao longo do curso, se encontrou com o seu real interesse dentro da área da educação, fato esse que aconteceu quando cursou a disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, momento em que ela diz ter descoberto o seu interesse em ser uma professora da educação infantil, e que agora ao final da sua formação, só reforça essa certeza que construiu ao longo do seu percurso enquanto acadêmica de Pedagogia.

De acordo com Hortênsia, o que lhe influenciou na escolha do curso foi o fato dela ter concluído o magistério e ter o interesse de investir na sua formação enquanto educadora. Ela nos relatou que uma das maiores motivações ao ingressar no curso, veio quando ela foi aprovada no concurso público da sua cidade, para atuar como professora da educação infantil, e a partir daí, buscou unir a teoria que vinha estudando, com o laboratório que tinha diariamente a sua disponibilidade, que era ser professora de educação infantil ao mesmo tempo em que cursava a Graduação em Pedagogia, investindo, assim, em um aprimoramento da sua práxis.

Sabemos, ainda, que estudar a temática da afetividade não é uma tarefa simples, mas que também não é impossível desde que tenhamos clareza da intencionalidade do trabalho que envolve a docência, a relação professor-aluno em sala de aula a partir das diferentes capacidades. A participação das quatro discentes do Curso de Pedagogia vem nos alertar para a necessidade de compreendermos o que é essa afetividade que utilizamos na fala diariamente e que nem sempre entendemos seu real sentido.

É imprescindível levarmos em consideração que estamos no Curso de Pedagogia para aprendermos a lidar com a docência em salas específicas da Educação Infantil e Anos Iniciais, mas se não obtivermos noções básicas do

comprometimento com a criança integral como nos diz Wallon (1941/2007), a partir das diferentes teorias, será difícil concretizarmos um trabalho completo que envolva a criança em suas várias dimensões, pois nós, enquanto pedagogas, não fomos formadas para tal especificidade.

Assim, esse trabalho é para que possamos entender a necessidade da discussão da afetividade no Curso de Pedagogia, para que os novos conhecimentos sejam revertidos na prática em diferentes escolas e possamos entender a afetividade para além do que falamos cotidianamente nas nossas relações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

(Freire, 2001).

Compreendemos que este momento de conclusão, nada mais é do que uma reflexão acerca do que foi coletado mediante o nosso objeto de estudo, pois, na medida em que líamos os dados, percebíamos tantas outras possibilidades de efetivar estudos e pesquisas acerca da nossa temática, a partir da existência de um determinado objeto e problema de pesquisa a ser investigado.

Com a problemática de: compreender considerando ser a Psicogenética Walloniana uma teoria que, nem sempre, é estudada nos cursos de formação de professores, o que estudantes do Curso de Pedagogia, entendem por conjuntos funcionais – afetividade, cognição e ato motor – e o modo como o pleno desenvolvimento desses conjuntos favorecem o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula? Tivemos o objetivo geral de analisar concepções de estudantes acerca do conhecimento da teoria Walloniana no Curso de Pedagogia, no Centro de Formação de Professores.

Mediante a coleta dos dados obtidos a partir da aplicação da entrevista contendo cinco questões-temas sobre o nosso objeto de estudo, e o encaminhamento da proposta de escrita da carta para as participantes da pesquisa, almejando que estas discorrem sobre os seus sentimentos em participar desta, bem como ao recebimento da correspondência, chegamos a algumas considerações que nos mostram que nosso objetivo inicial foi alcançado, e nossa questão problematizadora, respondida, pois, as discentes puderam nos relatar seus entendimentos acerca da teoria Walloniana estudada, ou não, no curso de formação de professores, mas especificamente no curso de Pedagogia, e as suas concepções, mesmo sendo estas possivelmente de caráter do senso comum ou de embasamento teórico, acerca

de cada conjunto funcional que a teoria discorre – afetividade, cognição e ato motor – e que necessitam ser melhor compreendidos e considerados pelos professores e profissionais em formação.

As entrevistadas nos mostraram que em relação às motivações que as fizeram ingressar no curso de Pedagogia, estas são desde motivações de interesse pessoal, pelo qual havia uma curiosidade de compreender o âmago do processo de formação de professores; de caráter secundário, ao passo que o curso preferencial não era ofertado na localidade; por experiências vivenciadas na educação básica que influenciaram na busca de uma formação que pudesse compreender melhor as particularidades, bem como o desenvolvimento das potencialidades do educando; como, também, nos foi relatado o ingresso ao curso como possibilidade de formação contínua, e preparação para a atuação no mercado de trabalho.

Como tivemos a possibilidade de ter como participantes da pesquisa duas discentes no período final do curso e outras duas cursando a metade até então, percebemos ao longo das falas destas o encontro de todas com o curso de Pedagogia, seja no decorrer do cursar das disciplinas, ou em uma vivência específica, como, por exemplo, a experiência docente com o estágio supervisionado, que possibilita um encontro do professor em formação com a docência, bem como também pode acarretar em um desencantamento por parte deste, diante da prática docente.

Compreendemos que no que diz respeito ao contato das participantes com a teoria walloniana no curso de Pedagogia até então, que este não aconteceu de forma efetiva e satisfatória. Porém, sabemos que no que tange as discentes Hortênsia e Gardênia, estas tiveram em umas das disciplinas de Psicologia da Educação, uma discussão acerca dos pressupostos da teoria walloniana, mediante a compreensão dos conjuntos funcionais, foco da nossa pesquisa, o que lhes deu um entendimento mais específico acerca de cada conjunto. Amarílis não teve nenhum contato até o momento com a teoria, e já Açucena não teve durante as disciplinas, mas pode ter a possibilidade de conhecer inicialmente essa teoria, na experiência com a monitoria em meio ao curso.

Acreditamos que a possibilidade de um estudo significativo que abarque a discussão da teoria walloniana nos cursos de formação de professores, pode

acarretar em uma formação mais humana dos profissionais da educação. Profissionais estes que irão lidar com sujeitos imersos em uma gama de características heterogêneas no âmbito educacional, e que necessitam serem vistas sob um panorama mais sensibilizado e embasado por uma teoria que lhes der sustentação e maior discernimento, no que diz respeito às etapas de desenvolvimento que perpassam a formação do sujeito. E a teoria walloniana, nos possibilita esta compreensão de um sujeito que se desenvolve integralmente, e não de forma fragmentada e desvinculada, no que tange a sua formação cognitiva, motora e afetiva.

Os relatos das entrevistadas em relação à compreensão e relevância do estudo da teoria walloniana no curso de Pedagogia, nos mostram que estas enfocam a necessidade de um trabalho mais satisfatório no âmbito dos componentes curriculares que têm a possibilidade de trazer essa discussão para a sala de aula, pois, segundo as participantes da nossa pesquisa, essa discussão ainda ocorre de forma simplória mediante os demais estudos que dão embasamento a formação de professores no curso de Pedagogia, sendo visto, muitas vezes, apenas, de modo superficial e não atribuindo tanta contribuição para a formação desses futuros profissionais ou mesmo já profissionais da educação.

Vimos que todas as participantes da nossa pesquisa, mesmo a que não teve o contato com a teoria durante o curso até então, compreendem a relevância do estudo da teoria walloniana nos cursos de formação de professores, e aliam essa necessidade a possibilidade do professor em formação, compreender o processo de ensinar e aprender sob uma perspectiva mais integrada e sustentada numa formação não só cognitiva, mas também motora e, principalmente, de caráter emocional.

No que diz respeito ao estudo dos conjuntos funcionais – *afetividade, cognição e ato motor* – no curso de Pedagogia, e a compreensão das discentes em relação a estes, percebemos através da conceituação das participantes mediante cada conjunto, que as que tiveram a oportunidade de ter um contato, mesmo que sucinto, com a teoria em algum momento do curso, detêm de uma concepção mais embasada do que a que não teve nenhum contato com a discussão que a teoria walloniana nos possibilita estudar. Em relação à afetividade, vemos que esta é compreendida, como uma forma de afetar e ser

afetado por sensações agradáveis e desagradáveis em meio as nossas vivências, porém, ela também foi compreendida, apenas, como uma forma que temos de afetar e de sermos afetados positivamente, sem levar em conta que ela perpassa uma discussão bem mais ampla, do que o senso comum compreende ser.

Compreender o real significado de uma prática embasada numa perspectiva que leve em conta o desenvolvimento emocional da criança, requer aos professores e profissionais em formação, um maior cuidado em estudar e pesquisar acerca dessas questões, pois, o professor necessita ser além de tudo, um pesquisador, que reflita a partir da sua prática cotidiana, uma práxis a luz das teorias, que nos possibilitam uma compreensão mais segura e adequada do processo de desenvolvimento dos sujeitos. As discentes nos relataram que o conjunto mais visto no curso de Pedagogia, é a cognição, sendo que o que se torna uma discussão mais carente, é o estudo e compreensão da afetividade como inerente ao desenvolvimento humano.

A relação dos conjuntos funcionais – *afetividade, cognição e ato motor* – é compreendida pelas discentes como imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem, pois, na medida em que se compreende o desenvolvimento humano pautado numa perspectiva integradora, os professores terão, possivelmente, um olhar mais sensibilizado e atento em meio às etapas de desenvolvimento que perpassam a formação dos seus educandos, ao ponto que compreender a afetividade como inerente ao ser humano, e está atento com as expressões emocionais demonstradas a todo o momento por estes em sala de aula, é dever do professor, e necessita ser realizado a partir de um trabalho com dedicação, competência e capacidade de reflexão da sua própria prática mediante o trabalho com os sujeitos em fase de desenvolvimento.

Na medida em que os professores em formação, bem como os profissionais que já atuam no âmbito educacional, compreendem o desenvolvimento humano de forma não fragmentada, estes passam a enxergar a possibilidade de desenvolvimento integral do sujeito, que segundo Prandini é (2010, p.33) “[...] condição de vida para o organismo, e é a partir dela que o conceito de pessoa de Wallon como um domínio funcional que integra os outros três deve ser entendido”. O conjunto “Pessoa” é abordado por Wallon

(1941/2007) como um quarto conjunto funcional, que na medida em que se consideram o desenvolvimento humano numa perspectiva integradora, vê-se a criação de um conjunto funcional que dar papel e visibilidade a cada uma das funções destes conjuntos.

O trabalho com as cartas como um segundo instrumento de coleta de dados para a nossa pesquisa, nos possibilitou uma experiência ímpar com os sujeitos e o nosso objeto de estudo, pois, pudemos a partir destas, ter uma visão mais particular das singularidades de cada participante da pesquisa, bem como sobre os seus entendimentos acerca do conjunto funcional da afetividade, considerado primordial no desenvolvimento do sujeito. Esta técnica da epistolografia acarretou em dados significativos para os objetivos que elaboramos para essa pesquisa, na medida em que as discentes puderam nos expressar por meio dessa escrita, vivências afetivas desde a educação básica, como forma de compreendermos o entendimento de tal acerca do que seja afetividade.

Uma das participantes nos trouxe algumas experiências afetivas positivas para o seu desenvolvimento enquanto sujeito, e outras nos trouxeram, também, vivências que as afetaram de forma negativa, ao ponto que em uma delas, deixaram até “traumas” mediante algumas situações específicas ocorridas na sala de aula. Diante disso, compreendemos que realmente a afetividade “[...] refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.19).

Dessa forma, chegamos ao final desse trabalho com a concepção de que os objetivos previamente elaborados para essa pesquisa foram alcançados com êxito, e a nossa questão problematizadora, respondida, ao ponto que pudemos obter uma diversidade de dados a partir da elaboração e aplicação dos nossos instrumentos de pesquisa, pois, pudemos analisar as diferentes concepções das discentes acerca do estudo e relevância da teoria walloniana no curso de Pedagogia, bem como os seus entendimentos mediante cada conjunto funcional e a sua relação com o processo de ensino-aprendizagem, que segundo elas é imprescindível serem compreendidos e considerados pelos professores em pleno exercício de docência.

Portanto, acreditamos que ainda há muito o que ser estudado e pesquisado em torno da nossa temática, na medida em que poucos professores e discentes dos cursos de formação de professores têm conhecimento acerca da necessidade de se estudar a teoria walloniana, para a realização de uma prática pautada em um desenvolvimento que perpassa a mera potencialização, apenas, da cognição dos educandos, mas sim em uma compreensão mais humanizada e atenta com as demais particularidades que compõe o desenvolvimento da pessoa completa, foco principal da psicogenética walloniana.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ALMEIDA, L. R. **Ser professor**: um diálogo com Henri Wallon. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (Orgs.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

ALMEIDA, L. R. de; MAHONEY, A. A. **A dimensão afetiva e o processo de ensino-aprendizagem**. In: ALMEIDA, L. R. de. e MAHONEY, A. A.(Orgs.). *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2007.

AMARAL, S. **A constituição da pessoa: dimensão cognitiva**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (Orgs.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004.

ANTUNES, Celso. **Relações Interpessoais e Auto-estima**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ARAÚJO, José Carlos de Souza. **Sala de aula ou lugar de veiculação do discurso dos oprimidos**. In MORAIS. Regis de. (Org.). *Sala de aula: Que espaço é esse?* 13. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2000.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Maria dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. CNE/CP. **Resolução nº. 01 de 15 de maio de 2006**. Brasília: CNE, 2006.

DÉR, L. C .S. **A constituição da pessoa**: dimensão afetiva. In: Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (Orgs.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, Coleção Educação e Comunicação, v.1, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1991.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 18 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIMA, M. do S. M. **O problema da indisciplina nas classes de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental**. 257 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2000.

LIMONGELLI, A. M. de A.. **A constituição da pessoa: dimensão motora**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (Orgs.). *constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004.

LINS, L. F.; FERREIRA, L. M. C.; FERRAZ, L. V.; CARVALHO, S. S. G. **A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor**. In: JEPEX 2009 –IX Jornada de ensino, pesquisa e extensão da UFRPE, Recife, 2009. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0147-1.pdf>> Acesso em: 21 de Junho de 2014.

MAHONEY, A. A. **A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem**. In: Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (orgs). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.

PEREIRA, Zildene Francisca Pereira. **Afetividade e aprendizagem escolar na perspectiva de professoras alfabetizadoras**. Tese de Doutorado. Programa de Educação: Psicologia da Educação. São Paulo: PUC/SP, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PRANDINI, R. C. A. R. **A constituição da pessoa: integração funcional**. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (orgs). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SÉRGIO LEITE, A. S. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

SIMKA, S; MENEGUETTI, I. (orgs). **A relação entre professor e aluno: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA (Org.). **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

TAMAROZZI, Edna. **Cartas de Moçambique: uma experiência de afetividade no processo de formação de professores**. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de

e MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs.). Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo:Loyola, 2007.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. FAPESP. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1973/1975.

\_\_\_\_\_. **A evolução psicológica da criança**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1941/2007.

## Apêndice A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Prezado Participante,

A presente pesquisa intitulada: CONJUNTOS FUNCIONAIS NA TEORIA WALLONIANA: o que estudantes do Curso de Pedagogia compreendem acerca da relação afetividade e aprendizagem na Universidade tem como objetivo principal analisar concepções de estudantes acerca do conhecimento da teoria walloniana no Curso de Pedagogia, no Centro de Formação de Professores.

A pesquisa será realizada mediante a realização de uma entrevista semi-estruturada, contendo questões-temas, seguida da realização de uma carta contendo uma questão central da referente pesquisa, e os resultados obtidos serão analisados por mim e pela Orientadora. Sua identidade será mantida em sigilo e os procedimentos previstos, para esta pesquisa, não envolvem qualquer desconforto para os participantes.

Sua participação é valiosa para o desenvolvimento da pesquisa e para a produção de conhecimentos na área da Educação.

Atenciosamente,

Maria Thaís de Oliveira Batista  
Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFCC/CFP/UAE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Discuti com a Pesquisadora Maria Thaís de Oliveira Batista, aluna do Curso de Pedagogia, sobre a minha decisão de participar deste estudo voluntariamente. Ficaram claros, para mim, quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem utilizados e a garantia de confidencialidade.

Cajazeiras/PB, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2014.

Maria Thaís de Oliveira Batista  
Pesquisadora

Assinatura do participante da pesquisa  
RG.:

## Apêndice B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO



## Questionário de Caracterização

## 1. Dados de identificação:

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_

**Formação básica:**

Magistério: ( ) Sim ( ) Não Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Científico: ( ) Sim ( ) Não Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Graduação em Pedagogia período: \_\_\_\_\_

Tempo de docência: \_\_\_\_\_

Quais turmas já lecionou e/ou leciona: \_\_\_\_\_

Outros locais em que trabalhou ou trabalha: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Turnos em que trabalha: manhã ( ) tarde ( ) noite ( )



**Apêndice C**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



**Roteiro de Entrevista**

1. O que te motivou na escolha do Curso de Pedagogia? Fale um pouco sobre o seu ingresso no curso.
2. Você teve contato com a discussão da teoria walloniana no Curso? Em qual disciplina? Como foi trabalhado?
3. Como você percebe a discussão da teoria walloniana no curso de Pedagogia? Você acha que é uma discussão relevante? Justifique.
4. O que você entende por campos funcionais – afetividade, cognição e ato motor? Esses campos são discutidos no Curso de Pedagogia?
5. Qual a relação dos campos funcionais com o processo de ensino-aprendizagem?



## Apêndice D

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO



Cajazeiras/PB, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Querida \_\_\_\_\_,

Como combinado, venho por meio desta carta dar continuidade a coleta de dados necessária para a efetivação do trabalho monográfico e dos objetivos, inicialmente, declarados por mim quando conversávamos durante a entrevista.

Antes de quaisquer informações gostaria de apresentar-lhe um pouco do meu interesse em pesquisar o respectivo tema 'Conjuntos funcionais: o que estudantes do Curso de Pedagogia compreendem acerca da relação afetividade e aprendizagem na universidade'.

A escolha da temática veio a partir de experiências vivenciadas desde a educação básica, no que diz respeito às relações que foram estabelecidas dentro da sala de aula, entre professor e aluno, e das suas implicações no processo de aprendizagem do educando, porém, tal escolha se estabeleceu de forma mais efetiva e segura a partir da participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Afetividade na Prática Docente na Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores aqui da Universidade Federal de Campina Grande. Foi a partir da inserção no referente grupo que pudemos conhecer e refletir acerca de novas formas de se efetivar o trabalho docente na sala de aula, a partir da existência de uma boa relação entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Dessa forma, gostaria de obter algumas informações relacionadas à temática da monografia, mediante suas experiências e conhecimentos



advindos da sua história de vida pessoal, estudantil, profissional, bem como suas vivências enquanto professora e/ou aluna.

Na ânsia de um trabalho que venha a contribuir para maiores discussões acerca do tema em destaque, acredito que sua participação será de inteira relevância para a qualidade final deste trabalho. Sabendo disso é imprescindível para os resultados esperados para a análise dessa pesquisa, a entrega desta carta como resposta a uma última pergunta que lhe farei logo abaixo. Gostaria que você falasse um pouco, também, do seu sentimento em relação ao recebimento desta correspondência, bem como da resposta a pergunta que se segue.

Para concluir esta carta, e na esperança de obter resposta, gostaria de te perguntar: O que você entende por afetividade? Especifique sua resposta apontando experiências agradáveis e/ou desagradáveis vivenciadas em sala de aula que favoreceram sua compreensão acerca do assunto.

Assim, me despeço com meus singelos agradecimentos e aguardo notícias.

Atenciosamente,  
Maria Thaís de Oliveira Batista.



**Apêndice E**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



Triunfo / PB, 07 de maio de 2014.

Querida Thais,

Conforme o combinado, venho por meio desta carta dar-lhe a minha resposta sobre a sua pergunta.

Em primeiro momento gostaria de lhe responder sobre a minha reação em receber sua carta, isto é, os meus sentimentos. Olha minha cara, como me considero uma pessoa bastante emotiva, receber sua carta sem dúvidas me causa satisfação. Primeiro porque me sinto grata por você depositar em mim tal confiança em responder sua pergunta. Em segundo, fico ansiosa se de fato vou corresponder as suas expectativas.

Perante sua pergunta sobre o que entendo sobre afetividade. Entendo que a afetividade é a maneira de você expor seus sentimentos, ou seja, é a forma pelo o qual os indivíduos expressam seu carinho, dedicação, como também é o meio em que se estabelece uma relação entre os sujeitos e que esta relação pode ser um fator primordial para o convívio humano.

A minha trajetória de estudante foi e ainda é bastante marcada por essas experiências, com professores que por sua postura e modo de se relacionar com os alunos me possibilita a existência de uma melhor aprendizagem. Um dos fatos mais marcantes foi no ensino fundamental, isto por duas professoras que desempenharam um papel importante no meu desempenho e desenvolvimento na aprendizagem. A primeira professora atuou de forma desagradável porque a mesma falava que eu tinha preguiça e não iria aprender e às vezes fazia me sentir inferior e excluída aos demais alunos, fazendo-me acreditar que nunca poderia aprender. Já a segunda professora

agiu de forma contrária, esta marcou minha vida estudantil de modo agradável, pois me incentivava e dizia que para se aprender é uma questão de tempo, demonstrando atenção e dedicação de forma semelhante a todos os alunos. Isto foi de grande significância para mim, pois passei a ter mais interesse e confiança em mim mesma.

E são esses fatores que hoje acredito que podem influenciar no processo ensino/aprendizagem. Pois influenciaram bastante no meu.

Minha cara, assim me despeço, agradecendo a confiança e com a esperança de está contribuindo com sua pesquisa. E aguardando novas notícias

Abraços,  
Açucena.



**Apêndice F**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



Cajazeiras, /PB, 30 de Abril de 2014.

Olá Thais, tudo bem?

A palavra afetividade para mim é algo sigiloso e íntimo que o ser humano tem em conhecer o outro, saber o que o outro sente ou não em determinados momentos de suas vidas, sejam bons ou ruins, alegrias e tristezas, seja por meio do diálogo, ou até mesmo ao sentir compaixão dos sentimentos das pessoas, enfim é você está perto no sentido em ajudar o colega, observando as variadas situações que acontecem ao nosso redor, é se abrir para o outro.

É poder confiar nos momentos difíceis e felizes, é dar carinho quando se faz necessário, é poder compreender o que pensamos, é entender as sensações interiores que emitimos a partir das experiências diárias vivenciadas com os pares, demonstrando os nossos sentimentos através do afeto e carinho ao próximo.

Bem em relação a minha vida estudantil tive momentos prazerosos como também situações em que me senti desmotivada, e muitas vezes com medo de aprender, pois, alguns de meus professores não tinham a sensibilidade em tratar cordialmente o aluno, nem se sequer se interessavam em perguntar se eu estava aprendendo ou não os conteúdos, era a aquela coisa de ir à sala passar os assuntos e depois ir embora sem se preocupar com nada.

Quando cursava o ensino fundamental tive alguns professores que não davam abertura para o diálogo e nem tampouco para a aprendizagem mútua entre ambos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, não existia a relação aluno-professor, mais sim a predominância da figura do educador, que tanto fazia se os alunos aprendessem ou não alguma coisa.

As recordações de minha professora do 4º ano não são as melhores, pois, tinha dias que ficava apreensiva em falar com ela, a mesma tem um temperamento forte e o seu mau humor contaminava a todos, as aulas eram horríveis, quando víamos ela chegando já ficávamos com medo de sermos punidos por não esperarmos sentados na sala de aula quietos a sua espera. Tenho isso como algo desagradável e marcante.

Essa experiência faz parte da minha vida e não tem como dizer que não aconteceu e que não me afetou psicologicamente, se fosse dar atenção a maneira que está professora ministrava suas aulas e como se comportava em sala, com certeza não estaria fazendo graduação para ser pedagoga, às vezes me perguntava se ser professora era chegar na escola passar conteúdo e pronto.

Em minha opinião a missão do educador não se resume a aplicação de métodos pedagógicos, o professor precisa estar atento a escola como um todo observar e conhecer o seu aluno, para assim trabalhar da melhor maneira possível, e só assim este saberá quando o aluno consegue evoluir, como também compreender os motivos em que o estudante não tem avanços, é avaliar a criança como um todo e não como uma parte isolada, é ter visão de totalidade.

Os bons momentos foram relevantes para mim de uma forma que agradeço a deus por estar cursando e fazendo o curso de pedagogia, que tanto gosto e me identifico. Quero relatar um pouco sobre a minha educadora do 5º ano que foi fundamental para mim, me apoiando nos momentos difíceis e tudo mais, gostava de conversar com ela me sentia segura para falar sobre os variados assuntos, era algo maravilhoso quando chegava à escola, a mesma demonstrava motivação e interesse nos conteúdos ministrados, falávamos de uma forma aberta a respeito da vida de uma forma geral.

Para mim vejo esta pessoa como alguém incrível uma excelente educadora e amiga, posso assim chamá-la, sempre admirei a sua forma de chegar para dar aulas com um sorriso no rosto e uma disposição que dava inveja, a mesma sentia prazer e gostava da função que desempenhava com tanto amor.

Era festa quando tinha aula de geografia e olha que não gosto tanto assim da disciplina, mais não faltava um dia sequer. Esta professora sim sabia

de fato exercer o seu papel enquanto educadora compromissada e interessada pelos alunos. Ao saber que tinha escolhido que seria professora, a sua felicidade foi imensa, sempre me motivava me encorajava para que nunca desistisse dos meus sonhos.

Esses relatos são alguns dos diversos momentos vivenciados ao longo da minha vida de estudante, alguns gratificantes e alegres outros nem tanto. Tive momentos positivos no âmbito do ensino como também passei por traumas que infelizmente estão registrados e fazem parte da minha vida. Graças a deus tais situações desagradáveis serviram para mim, como aprendizado de poder seguir em frente com determinação e otimismo.

Querida Thais, me despeço pedindo desculpas pela demora em te responder a carta sobre o conceito de afetividade, espero que tenha te ajudado e respondido o questionamento, qualquer dúvida estou a disposição para os esclarecimentos que se fizer necessário.

Aguardo resposta para continuarmos a nossa troca de correspondência via email, finalizo relatando que foi de extrema importância a escrita da carta para mim, o assunto em questão é algo que merece destaque e com certeza precisamos trabalhar a afetividade nos mais diversos campos, pois, faz a diferença em nossa vida seja profissional ou pessoal.

Um abraço carinhoso!

Atenciosamente,  
Amarílis



**Apêndice G**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



Cajazeiras/PB, 26 de maio de 2014.

Querida Thaís,

Primeiramente, gostaria de lhe dizer que foi uma imensa satisfação poder contribuir um pouco com a sua pesquisa. De fato foi uma grande surpresa quando me deparei com o convite e com o conhecimento dos instrumentos para efetivação do seu trabalho, mas foi bastante significativa, principalmente porque me fez refletir ainda mais sobre toda essa trajetória acadêmica e o quanto ainda se tem a progredir nos estudos em relação a sua temática no curso de Pedagogia, pois o assunto é bastante relevante para a melhor capacitação/qualificação do profissional docente.

Mas, dando continuidade à coleta de dados para efetivação de seu trabalho monográfico, quando você me pergunta “O que eu entendo por afetividade”, hoje posso lhe dizer que a minha compreensão é de que, a afetividade está relacionada a afetar alguém, seja positivamente ou negativamente. Tendo em vista a prática docente, esse é um fator muito importante, pois pode tanto impulsionar o desenvolvimento da aprendizagem da criança ou pode, puro e simplesmente, gerar um bloqueio no seu desenvolvimento. Por essa razão, acredito que o profissional docente deve ser um profissional capacitado, que possua a sensibilidade de estabelecer um vínculo afetivo com a criança, de modo que esta se desenvolva de maneira integral e conforme as suas especificidades, no envolver do cuidado, da atenção, da motivação, do respeito, etc.

Posso lhe dizer que tive a oportunidade de vivenciar no decorrer de minha vida alguns momentos afetivos que geraram aspectos positivos e outros negativos. Um dos momentos mais marcantes ocorreu ainda na minha infância, quando sonhava em ser professora. Meu pai, como sempre, não me

incentivava, e ainda pior, dizia que eu não teria vocação para ensinar ninguém. Isso sempre me deixou com um sentimento de inferioridade, e com a certeza que meu pai estava certo, tanto que, foi muito difícil à decisão de seguir o curso de Licenciatura em Pedagogia. Se não fosse o incentivo do meu esposo, talvez eu não estivesse no curso. Desde então, segui o curso sempre com a dúvida, mas foi a partir da disciplina em Educação Infantil que eu comecei a me identificar melhor com o curso de Pedagogia. Foi quando comecei o estágio em Educação Infantil, que me encontrei no curso e me encantei pelo ensino de Educação Infantil. Hoje percebo que, o apoio do meu esposo, a motivação de alguns professores e o meu esforço diante dos estudos me ajudaram a superar o meu bloqueio de infância. Todo esse processo me fez perceber que a afetividade é bastante significativa. Meu pai infelizmente me afetou negativamente, mas outras pessoas me afetaram positivamente e me ajudaram a superar as minhas dúvidas e inseguranças.

Mesmo já adulta, na universidade vivenciei outro momento negativo e me marcou muito, isso é a prova de que, o ato de afetar pode acontecer com crianças ou adultos. Infelizmente a protagonista do ato foi uma professora de universidade, que deveria ser a primeira a dar o exemplo. Eu estava passando por um momento delicado na família, mas isso pouco importou à professora. Meu desempenho no trabalho de dramatização exigido por ela não foi tão bom, admito, mas isso não lhe dava o direito de me humilhar diante dos demais colegas de sala. Até hoje não superei esse “trauma”. Fale em tudo, menos em uma dramatização, eu não consigo fazer, pois a lembrança da humilhação gerou um enorme bloqueio. Imagine se isso ocorre com uma criança!

É de se pensar o tipo de profissional docente que queremos ser, de forma que mantenha o compromisso de promover um trabalho de respeito à criança, desenvolvendo todas as suas capacidades/ habilidades e que marque a sua vida de forma positiva, transformando-a em um adulto confiante e de autonomia.

Me despeço agradecendo a confiança em mim depositada, e almejando que tenha contribuindo com a sua pesquisa.

Abraços,  
Gardênia.





**Apêndice H**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



São João do Rio do Peixe/PB, 30 de Maio de 2014.

Querida Thaís,

Inicialmente gostaria de expressar o meu sentimento ao receber o convite para ser uma de suas sujeitas de pesquisa e ser informada sobre qual seria o instrumento que iria utilizar para realizar a mesma, posso te afirmar que fiquei muito surpresa e curiosa ao mesmo tempo, e no momento pensei “que diferente e inovador uma proposta que se diferencia das demais modelos de pesquisas” e principalmente por estar relacionado a uma temática tão relevante e que ainda é pouco discutida durante o processo de formação do professor, você foi ousada e criativa esta de parabéns.

Mas agora vamos dar continuidade a minha contribuição para com a sua coleta de dados para a conclusão do seu trabalho monográfico, respondendo a pergunta fundamental, sobre qual é o meu entendimento acerca da afetividade, diante deste tema posso destacar que afetividade é toda ação que possa atingir o outro, a afetividade vai bem mais além que a relação de carinho, afetivo, mas sim se trata de atitudes que provoque o sujeito seja de forma positiva ou negativa, mas possa atingir a um determinado objetivo, em se tratando da relação professor aluno não deve ser diferente, é fundamental que o professor mantenha esse contato através da afetividade de maneira que possa estar contribuindo para o desenvolvimento humano da criança, pois a partir da maneira que o professor se relacione, mesmo que seja através de uma atitude que possa até mesmo parecer rígida, o professor pode estar instigando a criança de forma que sua atitude tenha atingido o aluno de maneira positiva contribuindo assim para a formação do educando.

Durante toda minha trajetória como estudante, que percorre até os dias de hoje, pois ainda não conclui, posso dizer que vivenciei muitas situações agradáveis e desagradáveis por parte dos meus professores, mas quando relaciono essas situações com a afetividade uma experiência que me chamou atenção estar relacionada a uma professora do ensino fundamental, pois as experiências que vivenciei com ela hoje me fizeram refletir, sobre as suas aulas destacando que a mesma sabia chegar em seus alunos, utilizando de um bom contato até mesmo na hora de lhe chamar atenção para algo, ela abordava de maneira que você se sentia motivado a mostrar que podia fazer melhor, e jamais fazia com que os alunos se sentissem desmotivados, ela sempre conseguia que eu acreditasse em mim mesma, tendo a certeza de que era capaz de fazer melhor ou de conseguir atingir algum objetivo. Foi sem dúvidas uma professora que me afetou positivamente, é através de experiências como essa que percebo o quanto a afetividade influencia no desenvolvimento da criança.

Destaco, assim, a importância de um maior conhecimento dos professores a respeito de realizar uma proposta de ensino pautada na afetividade considerando a grande influência e contribuição que a mesma exerce no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, me despeço com a sensação de ter contribuído de alguma forma para o seu trabalho, e agradeço a confiança.

Atenciosamente,  
Hortênsia.